DE GADOS E HOMENS
ANA PAULA MAIA
RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de

ANA
PAULA
MAIA

DE GADOS E HOMENS

1 edição

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M184d

Maia, Ana Paula, 1977-

De gados e homens [recurso eletrônico] / Ana Paula Maia. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2013.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-10110-5 (recurso

À minha querida avó, Maria
Maia

“es ist ja bloß ein Tier... nur ein Tier.”

(É apenas um animal... somente um animal.)

Theodor Adorno

“Porque a vida da carne está no sangue.”

Levítico 17:11

Capítulo 1

Edgar Wilson está apoiado no batente da porta do escritório do seu patrão, o fazendeiro Milo, que conclui um telefonema aos berros, já que desde cedo aprendeu a berrar, quando solto no pasto, ainda bem menino, disputava com o bezerro a teta da vaca. O escritório não passa de um cômodo espremido ao lado

do setor de bucharia do matadouro.

— O senhor queria falar comigo?

— Quero sim, Edgar.

— Pois não — diz Edgar Wilson, que tira o boné da cabeça e segura-o contra o peito respeitosamente ao entrar no escritório.

— Preciso que você vá até a fábrica de hambúrguer fazer uma cobrança.

— Seu Milo, quem vai abater o gado?

Milo coça a cabeça, enterrando os dedos nos fios crespos e embaraçados.

— Meu pessoal tá curto, Edgar. E na sua função só tem o Luiz, mas ele agora tá supervisionando a linha de abate. Deixa eu pensar...

Edgar Wilson permanece em silêncio enquanto aguarda a decisão do patrão. Em sua mente

não passa nenhuma ideia, pois não é seu costume buscar soluções, a não ser que seja solicitado.

— Hoje não tem nenhuma carga grande pra abater — comenta Milo, pensativo.

Também não é costume de Edgar Wilson deixar de cumprir o que pedem. Milo é um homem trabalhador, que passa quatorze horas por dia envolvido nas atividades do matadouro. É um

patrão justo aos olhos de Edgar.

— O Zeca já abateu algumas vezes, né? — pergunta Milo.

— É, abateu. Mas ele deixa o bicho acordado ainda. O boi sofre muito, Seu Milo. O Zeca não tem uma pegada boa não.

Milo olha a planilha de funcionários e suas respectivas funções. Pensa um pouco.

— O Zeca tá na triparia agora, mas só tenho ele mesmo — resmunga para si.

— Senhor, ele deixa o boi acordado.

— Você já disse isso, Edgar. O que eu posso fazer? Na degola ele vai morrer mesmo — responde Milo, alterado.

Edgar permanece imperturbável, com o olhar cinzento sobre o patrão. O telefone toca. Milo atende e pede um instante.

— Edgar, aqui está a ordem de cobrança. O endereço tá

escrito aí. Pega as chaves da caminhonete com o Tonho e manda o Zeca vir até aqui falar comigo.

Edgar Wilson acena com a cabeça e apanha a ordem de cobrança. Milo volta ao telefone. Edgar hesita pouco antes de sair, mas atravessa a porta do escritório e fecha-a ao passar. Segue por um corredor fétido e mal iluminado e ao virar à direita entra no boxe de atordoamento,

local em que trabalha muitas horas por dia. A fila de bois e vacas é sempre longa. Um funcionário abre a portinhola e o boi que já passou pela inspeção e pelo banho entra devagar, desconfiado, olhando ao redor. Edgar apanha a marreta. O boi caminha até bem perto dele. Edgar olha nos olhos do animal e acaricia a sua fronte. O boi bate uma das patas, abana o rabo e bufa. Edgar cicia e o animal

abranda seus movimentos. Há algo nesse cicio que deixa o gado sonolento, intimamente ligado a Edgar Wilson, e dessa forma estabelecem confiança mútua. Com o polegar lambuzado de cal, faz o sinal da cruz entre os olhos do ruminante e se afasta dois passos para trás. É o seu ritual como atordoador. Suspende a marreta e acerta a fronte com precisão, provocando um desmaio causado por uma

hemorragia cerebral. O boi caído no chão sofre de breves espasmos até se aquietar. Não haverá sofrimento, ele acredita. Agora o bicho descansa sereno, inconsciente, enquanto é levado para a etapa seguinte por outro funcionário, que o suspenderá de cabeça para baixo e o degolará.

Edgar sinaliza para que o funcionário não deixe o boi seguinte entrar no boxe. Vai até o setor de triparia e chama por

Zeca, que imediatamente acata sua ordem. É com o coração pesaroso que Edgar vê, minutos depois, o rapaz, sorridente, seguir até o boxe de atordoamento ao sair da sala de Milo. Zeca é um garoto de dezoito anos, perturbado. Gosta de ver o animal sofrer. Gosta de matar. Se prepara para a tarefa quando Edgar entra no boxe e o adverte:

— Zeca, coloca o boi pra dormir, entendeu? Não deixa o

bicho sofrer.

Zeca apanha a marreta, faz sinal para que o funcionário deixe o boi entrar. Quando o animal fica frente a frente com ele, a marretada propositalmente não é certeira, e o boi, gemendo, caído no chão, se debate em espasmos agonizantes. Zeca suspende a marreta e arrebenta a cabeça do animal com duas pancadas seguidas, fazendo o sangue respingar em seu rosto.

— Assim, Edgar? Ele tá dormindo agora, não tá? — Zeca pisca diversas vezes os olhos com força e puxa a saliva entre os dentes, ruidosamente.

Edgar Wilson não responde à afronta de Zeca. Vira de costas e caminha até o banheiro, onde troca de roupa. Veste uma calça jeans e uma camisa quadriculada de botões. Após apanhar as chaves com Tonho, segue até a caminhonete e lamenta o rádio

quebrado do carro.

Desde que abandonou o trabalho nas minas de carvão, tudo o que conseguiu foi trabalhar com gado, mas quer mesmo é lidar com porcos. Sempre apreciou os suínos. Espera em breve conseguir uma vaga num grande criadouro de porcos que fica a poucos quilômetros de onde trabalha.

Seu golpe preciso é um talento raro que carrega em si uma

ciência oculta em lidar com os ruminantes. Se a pancada na fronte for muito forte, o animal morre e a carne endurece. Se o animal sentir medo, o nível de pH no sangue é elevado, o que deixa a carne com um gosto ruim. Alguns abatedores não se importam. O que Edgar Wilson faz é encomendar a alma de cada animal que abate e fazê-lo dormir antes de ser degolado. Não sente orgulho do trabalho

que executa, mas se alguém deve fazê-lo que seja ele, que tem piedade dos irracionais.

Depois de esquartejados, são enviados para duas fábricas de hambúrguer e distribuídos para alguns frigoríficos, que mandam caminhões buscar os lotes de carne. Edgar Wilson nunca comeu um hambúrguer, mas sabe que a carne é moída, prensada e achatada em formato de disco. Depois de frita, é

colocada entre duas fatias de pão redondo recheado com folhas de alface, tomate e molho. O preço de um hambúrguer equivale a dez vacas abatidas por Edgar, já que recebe centavos por cada animal que derruba. Por dia precisa matar mais de cem vacas e bois e trabalha seis dias na semana, folgando apenas no domingo. A produção no matadouro está se intensificando e será necessário contratar mais

um atordoador.

Edgar Wilson tem que dirigir por quase uma hora por uma estrada que margeia o rio. É nesse rio que todos os matadouros da região lançam as toneladas de litros de sangue e resíduos de vísceras de gado. O rio corre para o mar, assim como o sangue das bestas do campo.

À beira da estrada, Erasmo Wagner está apoiado numa bicicleta, que tem o pneu

dianteiro arriado. Vez ou outra faz sinal com o dedo polegar, mas ainda não conseguiu nenhuma carona. A maioria dos veículos que trafegam pela estrada é de caminhões pesados e algumas carroças puxadas por cavalo. Na maior parte do tempo é uma estrada deserta, de curvas sinuosas e asfalto irregular.

Edgar Wilson para a caminhonete no acostamento. Erasmo Wagner coloca a bicicleta

na caçamba do veículo, abre a porta do carona e senta-se ao lado de Edgar, visivelmente agradecido.

— Obrigado por parar. O pneu furou.

— Tá indo pra onde?

— Trabalho na construção da nova fábrica de hambúrguer.

Edgar Wilson estica a mão direita em cumprimento. O homem responde ao gesto:

— Erasmo Wagner. Às suas

ordens.

— Eu trabalho lá no matadouro do seu Milo — diz Edgar Wilson.

— Sei onde é. Você faz o quê lá?

— Sou o atordoador.

Erasmo Wagner arria a outra metade da janela e apoia o braço para fora. Mais alguns metros, embalado pelo vento morno e ruidoso, ele se lamenta.

— Muita gente já morreu

aqui.

A sequência de pequenas cruzes à beira da estrada é interminável. A morte tange todo o perímetro percorrido, tanto na estrada quanto no rio contaminado que corta a região.

Edgar Wilson acende um cigarro e oferece outro a Erasmo Wagner. As nuvens ajuntam-se encobrindo o céu, e mesmo com a nebulosidade não há indício de chuva.

— Quando a fábrica fica pronta? — pergunta Edgar Wilson.

— Se a obra não atrasar mais, acho que em uns dois ou três meses.

— Essa vai ser bem maior que a outra. Você trabalhou na construção da outra?

— Não. Naquela época eu tava cumprindo pena. Fui solto faz um ano e pouco.

— Ficou muito tempo preso?

— Mais do que eu pretendia. Mas acertei minha dívida e estou livre pra morrer até mesmo nesta estrada. O que é bem melhor do que morrer na cadeia.

— Morrer em liberdade é morrer com sorte.

Na estrada há trechos em aclive e a caminhonete perde força, exigindo uma troca de marcha num dificultoso engate do câmbio. Do lado esquerdo da pista um pasto pequeno acomoda

algumas cabeças de gado. Vacas ruminam e descansam entre montanhosos e exuberantes cupinzeiros edificados sobre a grama em meio ao pasto.

— É bem provável que a criação de gado por esta região aumente — comenta Erasmo Wagner.

— É, com mais uma fábrica de hambúrguer, vão precisar de mais carne. O trabalho lá no matadouro vai aumentar

também.

— Quantas cabeças você abate por dia?

— Depende do lote. Às vezes sessenta, noventa. Já cheguei a abater cento e setenta cabeças num dia. No fim da noite eu não sentia mais o meu braço.

— É... a gente sente o cheiro da morte em todo lugar.

Edgar Wilson concorda com um aceno da cabeça.

— Gosta do seu trabalho lá no

matadouro?

— Gosto. Às vezes não quero lidar tanto assim com o sangue, com a morte, mas... é o que eu faço.

Erasmo Wagner traga longamente o cigarro e expele a fumaça pela janela. O vento morno e cortante a faz dissipar, desmanchando seus rastros.

— Alguém precisa fazer o trabalho sujo. O trabalho sujo dos outros. Ninguém quer fazer

esse tipo de coisa. Pra isso Deus coloca no mundo tipos que nem eu e você.

Edgar Wilson permanece olhando para a frente o mais distante que seus olhos enxergam, para a linha fantasma que divide a estrada do céu. Apenas uma linha, que jamais poderá ser alcançada.

— O pior na hora de abater o gado é olhar para os olhos dele.

— E o que tem neles?

— Não sei. Não dá pra ver nada no fundo do olho do boi. — Edgar Wilson faz uma pausa inquietante. — Eu fico olhando, tentando enxergar alguma coisa, mas não dá pra ver nada.

Edgar balança a cabeça e dá de ombros. Joga a ponta do cigarro pela janela e expele o resto da fumaça que tem nos pulmões.

— Por que você foi preso?

— Matei um velho

desgraçado. Foi um desgraçado a vida toda.

Edgar Wilson consterna-se por instantes. O silêncio recobre suas cabeças. São confissões de sangue e morte para os que já estão condenados. Há outros deles na beira da mesma estrada, sobre o solo e debaixo dele. O murmúrio das lamentações dos que jamais regressaram está ali, ecoando nas pedras, porque, quando não há quem rogue, as

pedras clamam.

Pelo resto da viagem ficam em silêncio. Erasmo Wagner agradece pela segunda vez a carona e, empurrando a bicicleta com pneu furado, caminha em direção à fábrica.

Enquanto segue viagem, Edgar Wilson mantém seu pensamento fixo na escuridão dos olhos dos ruminantes, esforçando-se para desenhar um leve traço que o intente a

desvendá-los. Nem todo o esforço da sua imaginação é capaz de lançar luz nas trevas; nem naquelas produzidas por olhos insondáveis, nem na própria treva que encobre a sua maldade.

***

Ao chegar ao estacionamento da fábrica de hambúrguer, Edgar Wilson identifica-se para o

segurança. Após se comunicar com outro funcionário pelo rádio, o segurança abre o portão e deseja uma boa tarde a Edgar, que responde ao cumprimento.

Entre dois caminhões novos, estaciona a velha caminhonete bege enferrujada. Ajeita a blusa para dentro da calça, passa um pente nos cabelos claros e ondulados, apanha a ordem de cobrança e entra na fábrica. Uma mulher o recepciona com um

sorriso forçado e o leva até um escritório limpo, arejado e iluminado. Edgar acomoda-se em uma poltrona de couro e aguarda ser atendido.

Dez minutos depois, um homem de terno entra no escritório e senta-se à mesa. Edgar se levanta e, diante do homem, que parece estar muito ocupado e aborrecido, estende a ordem de cobrança.

— O Seu Milo me mandou

aqui.

O homem olha para ele por alguns segundos, de cima a baixo. Aperta seguidamente o botão no topo de uma caneta lustrosa, e o barulhinho irritante parece confortável para ele.

— Seu Milo?

— O dono do matadouro Touro do Milo.

— Ah, sim, Seu Milo... nosso fornecedor. — O homem faz uma pausa. — Então, em que

posso ajudar?

— Tenho uma ordem de cobrança.

— Você é o contador dele?

— Não senhor, eu sou o atordoador.

Federico é o nome do homem. Edgar Wilson consegue ler no crachá preso no bolso do paletó, à altura do peito.

— Como? — franze o cenho.

— O atordoador.

Federico acha melhor

interromper a conversa. Imagina o trabalho que o homem diante dele faz e não gosta de pensar nisso. Olha para o resto do seu almoço sobre a mesa: um hambúrguer com molho de mostarda escura levemente apimentada e picles.

— Me dá aqui — diz, acenando para a ordem de cobrança na mão de Edgar. Ele verifica o documento. Liga para outro setor, fala baixo e somente

algumas palavras soam inteligíveis. Desliga o telefone, ajeita a gravata e diz:

— Vou lhe dar um cheque, tudo bem?

Edgar acena positivamente.

— Foi uma falha aqui. Peça desculpas ao senhor Milo por esse pequeno atraso. E diga a ele que apreciamos muito a carne que manda aqui pra gente. Siga pelo corredor, à esquerda. Você vai encontrar uma sala com uma

placa escrita financeiro. É só entregar essa ordem de cobrança a uma mocinha que está lhe aguardando.

— Sim senhor.

Pelo caminho, Edgar Wilson cruza com homens vestidos em macacões brancos, em total assepsia. Nunca esteve num local tão limpo como esse. Muito diferente do matadouro onde trabalha e do alojamento onde mora, local em que permanece

confinado com diversos trabalhadores. Ambos os confinamentos, de gado e de homens, estão lado a lado, e o cheiro, por vezes, os assemelham. Somente as vozes de um lado e os mugidos do outro é que distinguem homens e ruminantes.

Na sala do financeiro, uma mulher baixinha e de óculos entrega a ele um cheque nominal e apanha a ordem de cobrança.

Ele enfia o cheque dentro do bolso e caminha para a saída. Um carregamento de hambúrgueres está sendo colocado dentro de um dos caminhões. Acende um cigarro e, apoiado na caminhonete, observa os homens trabalhando. Uma das caixas de papelão cai de uma pilha alta e espatifa-se no chão. Edgar agacha-se ao lado da caixa e observa o conteúdo. Parece saboroso. Um dos carregadores

oferece uma caixa de hambúrguer a ele, que agradece e entra na caminhonete.

Ao retornar, já é fim de tarde, o sol está se pondo entre nuvens granuladas e a tonalidade do crepúsculo assemelha-se a uma romã partida ao meio. As nuvens haviam se dissipado e o reflexo do pôr do sol acende os olhos de Edgar Wilson, que, mesmo em dias ensolarados, insistem em permanecer cinza.

Estaciona a caminhonete no pátio do matadouro. O expediente de trabalho terminou e restam apenas os funcionários que concluem a limpeza do lugar. Edgar Wilson entra no escritório de Milo e entrega a ele o cheque. No boxe de atordoamento repara na quantidade excessiva de sangue e em pedaços de crânio esfacelado.

É hora do canto das cigarras. A noite se aproxima, envolvendo

o firmamento e engolindo o crepúsculo. Algumas estrelas já apareceram. Edgar Wilson entra no banheiro do alojamento. Espera que reste apenas o Zeca no banho. Com a marreta, sua ferramenta de trabalho, acerta precisamente a fronte do rapaz, que cai no chão em espasmos violentos e geme baixinho. Edgar Wilson faz o sinal da cruz antes de suspender o corpo morto de Zeca e o enrolar num cobertor.

Nenhuma gota de sangue foi derramada. Seu trabalho é limpo. No fundo do rio, com restos de sangue e vísceras de gado, é onde deixa o corpo de Zeca, que, com o fluxo das águas, assim como o rio, também seguirá para o mar.

Cumprido seu dever, ele vai para a cozinha do alojamento e frita os hambúrgueres. Com os colegas comem toda a caixa, admirados. Assim, redondo e temperado, nem parece ter sido

um boi. Não se pode vislumbrar o horror desmedido que há por trás de algo tão saboroso e delicado.

Capítulo 2

O homem prende a respiração e mergulha a cabeça em um tonel de água. Os outros ao redor, em princípio, fazem piada. Riem. Quando passa um minuto, silenciam gradativamente, até que sobre apenas o zumbido das moscas graúdas que se alimentam dos restos do gado morto. O velho Emetério,

funcionário mais antigo do matadouro, com sua boca murcha e impregnada pelo aroma do fumo de rolo que queima diariamente, arregala os olhos trêmulos e amarelados quando o cronômetro que segura passa dos dois minutos. Dezenove segundos depois, Burunga suspende a cabeça, roxo pela falta de ar. Solta uma gargalhada que chacoalha sua barriga flácida e pesada. Os

homens aplaudem e assobiam. Na véspera, ele tinha conseguido ficar um minuto e trinta e quatro segundos. Burunga recolhe o dinheiro das apostas, alguns trocados que os homens jogaram dentro do seu chapéu de palha, e suspende as calças que constantemente escorregam pelas nádegas. Confere o total do que conseguiu lucrar com as apostas e, sorrindo, enfia o dinheiro no bolso.

— Filho da mãe. Conseguiu de novo — murmura o velho Emetério em seu tom pigarreado, como se sua garganta fosse arranhada. — Que patife!

— Eu disse que ele ia conseguir — diz Helmuth, com os braços cruzados, sentado na porta da caçamba de uma caminhonete que não funciona há mais de 10 anos.

— Mesmo assim apostou contra — resmunga Emetério.

— Mas um dia, velho, ele não vai subir. — Helmuth pisca o olho e estala a língua.

Depois da sangria e da remoção da pele, o gado, suspenso por correntes, é empurrado por uma carretilha até chegar a Helmuth, o desmembrador, que usa uma motosserra para remover a cabeça e partir a carcaça ao meio. É o único nesse procedimento, e chega a desmanchar por dia duas

centenas de bois e vacas. Costuma usar um capacete preto e luvas para se proteger. É uma atividade que requer técnica e atenção. Quando trabalha, Helmuth permanece absorto, e seus olhos de peixe morto tornam-se ainda mais apalermados, porém, assim como os peixes mortos, seus olhos nunca deixam de brilhar. São negros e reluzem como olhos de ruminantes. É bom em

desmontar, seja o motor de um carro, um boi, uma onça ou uma casa, pois é capaz de demolir até paredes a golpes de martelo em poucas horas.

Quando descobriu que era traído pela mulher e que o filho que criava era filho de seu irmão, não se embebedou, não tirou satisfações, não fez ameaças ou mesmo intentou matar para lavar a honra.

Aproveitou a ausência da

mulher, que havia ido visitar os pais em outra cidade, e passou toda a madrugada esmurrando as paredes da casa com uma marreta. A casa em que morava com Jaqueline estava reformada e com mobília nova. Ela mesma, com o dinheiro que ganhou trabalhando de empregada doméstica na casa de uma família, foi quem investiu na reforma e na compra do novo mobiliário. O dinheiro de

Helmuth era para as despesas cotidianas. Ao se deparar com a casa dos seus sonhos, que, apesar de simples, era justamente do tamanho que o seu coração almejava, pediu demissão do trabalho, para se dedicar ao próprio lar.

Helmuth derrubou todas as paredes da casa, arrebentou com toda a louça do banheiro, a pia de mármore da cozinha, desmontou a televisão, o rádio e

a geladeira. As camas e o jogo de sofá rosa-salmão ele incendiou no quintal, juntamente com o guarda-roupa desmontado. Até o secador de cabelos ele desmontou, e ao abri-lo removeu tufos de cabelo da mulher que entupiam a saída de ar. Ajuntou seus poucos pertences e foi embora quando amanheceu.

Passou a desmontar motores de carros numa oficina mecânica assim que chegou numa outra

cidade, e logo depois começou a abater bois num matadouro, até que soube da vaga para desmembrá-los. E foi assim que chegou ao matadouro do Seu Milo, que, impressionado com sua habilidade, o contratou imediatamente e permitiu que habitasse o alojamento local.

O velho Emetério, ainda intrigado com o feito de Burunga, questiona Edgar Wilson:

— Eu não apostei nada, velho — responde Edgar.

Emetério solta uns grunhidos, pigarreia e cospe no chão.

— Patife! É melhor a gente voltar pro trabalho. O horário de almoço já terminou. Tem uma tonelada de restos me esperando lá na graxaria.

— Velho, você precisa se aposentar — diz Helmuth.

Emetério dá de ombros e caminha vagaroso em direção à

porta dos fundos, por onde ele e todos os outros homens, com exceção de Edgar Wilson, entram para retornar ao trabalho. O velho segue para o setor de graxaria, local onde se concentram os produtos provenientes dos setores de abate, miúdos, bucharia, triparia e desossa, e que não servem para o consumo humano. É onde se processam os resíduos e se produzem farinha de osso e sebo.

Todos os dias agradece a Deus por permitirem trabalhar em tal função, pois mesmo velho ainda goza de certo vigor. Restam-lhe apenas quatro dentes na boca, mas isso não faz nenhuma diferença quando executa as suas funções. É tão capaz quanto era há trinta anos. Porém, para qualquer pessoa do lado de fora daquele matadouro, ele é tão imprestável quanto os restos com que lida.

Edgar Wilson acende um cigarro e decide permanecer mais cinco minutos ali, agora sozinho e em silêncio. De onde está observa muitas vacas pastando em currais abertos, delimitados por cercas de arame. Caminha até um dos currais e constata que algumas cercas já não possuem a tensão que deveriam.

Nos fins de tarde, quando o crepúsculo abre fendas avermelhadas no céu, como

fissuras em um vulcão, os ruminantes afastam-se das pastagens e vão se recolher em pequenos grupos debaixo de alguma árvore. Mas hoje o dia está nublado e o céu, em vez de uma tonalidade sangrenta, terá um cinza escuro margeando suas extremidades.

Edgar gosta de observar os animais confinados. Sozinhos ou em pequenos grupos, eles mantêm o mesmo ritmo quando

mastigam ou abanam os rabos. Os bovinos, todos eles, quando pastam se orientam para o norte, pois são capazes de sentir o campo magnético terrestre. Poucos sabem o motivo disso, mas os que lidam com os bovinos diariamente sabem que eles mantêm um código de comportamento e que permanecem na mesma direção ao pastar. Esse equilíbrio não se vê nos homens, em nenhum

deles.

Uma vaca aproxima-se de Edgar. Vagarosa, ela move seus flancos majestosamente enquanto mastiga um punhado de mato. Ele acaricia a cabeça do animal. A vaca possui uma mancha marrom na testa, em forma de gota. Ele certamente se lembrará dela quando estiverem novamente cara a cara.

Termina seu cigarro e vira-se para retornar ao boxe de

atordoamento. Suspira, pesaroso. É seu trabalho, o único que o mantém vivo. Olha para trás. Os ruminantes que pastam sossegados, que permanecem em grupo ou sozinhos, logo estará frente a frente com todos eles; ele, que é a própria besta assassina.

Ao cair da noite, o negrume recolhe em si todos os vestígios do dia. Apenas o cheiro de

sangue e excrementos é percebido. Parte do gado descansa e a maioria dos homens já voltou para suas casas. Os que moram no alojamento costumam reunir-se pelo menos uma vez na semana no bar que fica a dois quilômetros dali. É onde podem jogar sinuca, carteado, beber e encontrar prostitutas perfumadas que aguardam por eles, os homens do gado, como são conhecidos. Todas aceitam cortes

de carne como pagamento, mas não qualquer pedaço. No bar, uma balança confere o peso. A cada quilo, um serviço é oferecido.

— Edgar, não vem com a gente? — pergunta Helmuth.

— Depois, eu vou depois.

— Não vá se atrasar. O velho Emetério tá de fogo alto. Vai traçar todas as meninas.

O velho Emetério cai na risada e bate na própria coxa,

como quem espanta a poeira.

— Não vou deixar nada pra você, Edgar — diz o velho, com sua boca murcha e muito animado.

Suspendendo as calças que insistem em deslizar, Burunga aproxima-se de Edgar Wilson.

— Faz dias que não vejo o Zeca. Sabe dele, Edgar?

Edgar Wilson não responde imediatamente. Como lhe é peculiar, processa a pergunta e

elabora com cuidado uma resposta.

— Sei.

Burunga coça a cabeça, está apreensivo.

— Ele tá onde?

— No rio.

— Esse desgraçado do Zeca tá me devendo dinheiro. Vinte pratas. Disse que ia me pagar e agora foi pro Rio? Preciso mandar o dinheiro pra casa. Minha filha precisa de óculos. —

Com o polegar e o indicador, ele espreme as extremidades da testa, pensando num jeito de resolver a situação. Recompõe-se e cumprimenta Edgar erguendo o chapéu de palha. Segue com os outros companheiros para a noite de diversão. Edgar Wilson verifica que seus cigarros acabaram. De braços cruzados, mascando cravos, permanece sozinho, iluminado apenas por um fio de luz de uma lâmpada

acesa num poste.

Seu Milo sai do matadouro carregando algumas pastas. Cumprimenta Edgar, que considera um dos seus melhores funcionários.

— Edgar, não vai com os outros homens?

— Tô esperando um amigo.

— Escuta, você viu o Zeca hoje?

Edgar Wilson acena negativamente com a cabeça.

— Faz dias que não vejo ele e nem apareceu pra buscar o pagamento.

Seu Milo usa uma toalhinha encardida para secar o suor do pescoço e da testa. O ar de preocupação do homem é permanente. Edgar Wilson tem pena do patrão por ser um homem tão aborrecido, de veias saltadas e dentes trincados. Às vezes, Seu Milo respira com dificuldade e suas passadas são

vagarosas.

— Espero que esse moleque não tenha se metido em confusão — continua Seu Milo.

— Ele não vai fazer falta.

Milo cofia a barba e passa a mão nos cabelos. Olha desconfiado para Edgar Wilson, que se mantém imperturbável. Por hora, Seu Milo decide não prosseguir com mais perguntas e caminha em direção a sua caminhonete. Detém-se no

caminho e volta o olhar em direção a Edgar:

— Amanhã chega o novo atordoador. Quero que você mostre a ele tudo por aí.

— Sim, senhor.

— O nome dele é Santiago. É filho de um amigo meu. Rapaz bem recomendado.

— Ele tem experiência no ramo, Seu Milo?

— Ele abatia renas na Finlândia. É do tipo que abate

qualquer coisa, eu acho.

Milo entra na caminhonete, liga o motor, acende os faróis e em poucos instantes arranca dali, deixando Edgar Wilson para trás, com os mugidos intercalados das vacas e imaginando as renas dos filmes de natal.

Não demora para o ronco do motor de uma retroescavadeira despertá-lo do silêncio. O homem que a dirige tem ao seu lado um rádio que toca músicas

de discoteca. Estaciona ao lado de Edgar, tira o chapéu de vaqueiro, pula do veículo, mantendo o motor ligado, e grita:

— Edgar Wilson, seu desgraçado, filho de uma égua! Pensei que tivesse morrido.

— Vladimir, seu miserável, quanto tempo!

Os dois se abraçam e trocam cumprimentos.

— Soube da explosão da mina

de carvão — diz Vladimir.

— Eu escapei. Nunca mais me meto numa mina de novo.

— Você é um filho da mãe, Edgar Wilson. Me contaram que nem o diabo escapava de uma explosão daquelas.

Edgar arria a cabeça. Consternado.

— Toda semana sonho com aquela explosão. — Seu tom de voz torna-se rasteiro e o semblante petrificado.

Vladimir dá um tapinha no ombro de Edgar, mostra-se solidário e tenta retomar o clima de alegria que havia poucos segundos antes.

Edgar olha para o veículo.

— Meu tio Piquitito deixou pra mim de herança. Roda quase vinte quilômetros com um litro de diesel. — Com a barra da manga da camisa, Vladimir lustra suavemente a lateral do trator, gaba-se do veículo como de um

filho que acabou de entrar na universidade. Seus olhos brilham. — Solta mais fumaça que uma carvoaria, mas é tudo o que eu tenho. Essa retroescavadeira é tudo o que eu tenho de valor nesta vida.

Edgar Wilson contorna o veículo avaliando cada compartimento, e, mesmo com pouca luz, ele consegue perceber os detalhes.

— Semana passada me

ofereceram setenta mil nela. Não quis nem saber de negócio.

— É linda mesmo.

Vladimir aponta para a parte traseira do trator, onde fica a peça mais poderosa, a escavadeira.

— Eu troquei o conjunto todo. O braço, a lança, a caçamba, tudo novinho em folha. Eu me pego olhando e babando nessas peças.

Edgar Wilson apenas observa,

admirado.

— Consegui um empréstimo no banco, agora estou pagando. Trabalhando dobrado. Mas graças a Deus não falta trabalho. Por essas bandas aí o que todo mundo quer é cavar um poço, uma mina, fazer um buraco qualquer.

Na lateral do trator está escrito o nome de Vladimir e um número de telefone.

— Você tá gostando daqui,

Edgar?

— Não tenho do que reclamar. Abato o gado e o meu patrão gosta do meu serviço. Trabalho é que não falta.

— Você sempre foi bom nisso. Desde moleque você abatia qualquer troço.

Eles ficam em silêncio por alguns instantes. Pensativos.

— Ainda fuma? — pergunta Vladimir.

— Feito uma carvoaria.

Vladimir dá uma risada e tira do bolso da camisa xadrez um maço de cigarros. Edgar Wilson aceita um.

— O trabalho aqui é interminável. Amanhã chega outro atordoador.

Vladimir traga o cigarro e prende a fumaça por alguns segundos.

— Esse negócio é muito lucrativo — comenta, engasgando com a fumaça.

Retoma o fôlego e continua: — Enquanto tiver uma vaca neste mundo, lá estará um sujeito disposto a matá-la.

— E outro disposto a comê-la — conclui Edgar Wilson após tragar longamente. Solta a fumaça do cigarro e com ela não apenas libera tudo o que está nos seus pulmões, mas todo o embaraço no coração se desfaz. Até as nuvens em seus pensamentos se dissipam.

Vladimir joga a ponta do cigarro no chão e apaga-a numa pisada. A peça frontal, a carregadeira, está arriada, contendo alguns sacos de batata, laranja, engradados de cerveja, uma caixa de isopor e restos de embalagens. Vladimir curva-se sobre a carregadeira e apanha da caixa de isopor duas latinhas de cerveja resfriadas. Atira uma na direção de Edgar Wilson. Sobem no trator e seguem para o bar na

noite pouco iluminada, chacoalhando as lembranças de antigamente ao som das músicas de discoteca.

Capítulo 3

O rio está deserto. É um rio morto e raramente se vê alguém pescando nele. Alguns usam pequenos barcos rudimentares para atravessá-lo em dias calmos e outros arriscam buscar um peixe contaminado que ainda se debata. Os peixes, mesmo mortos, brilham, e ainda assim seus olhos espelham a luz do dia.

Os olhos de um ruminante assemelham-se à noite. Dentro deles existe apenas escuridão, e ela não pode ser perpetrada. É constantemente insondável.

Chama-se Rio das Moscas, e, desde que os matadouros cresceram na região conhecida como Vale dos Ruminantes, suas águas limpas encheram-se de sangue. No fundo desse rio está depositado todo tipo de coisa, orgânica e inorgânica. Humana e

animal.

O vento que chacoalha os galhos das árvores e que faz deitar a relva provoca rugas nas águas embaladas pelo silêncio oco entre as montanhas, dando uma dimensão de eternidade à paisagem do vale.

O sol está encoberto por uma camada fina de nuvens; o mormaço causa um leve abafamento entrecortado pelo vento. Edgar Wilson olha ao

redor e para o alto, para as muralhas que o cercam. É através de suas brechas que o vento percorre um caminho sinuoso até o vale. Ele respira profundamente. Respira mais que o ar, respira o vento que anda por todos os lugares, que tem em si o privilégio de pertencer a toda parte. Impossível distinguir o caminho do vento, persegui-lo ou alcançá-lo.

Edgar verifica as horas no seu relógio de pulso. Ainda é muito cedo. Levanta-se do tronco onde está sentado e retorna à caminhonete. Parou ali por alguns minutos, para respirar e sentir o vento que corria à sua margem. Novamente precisou levar uma guia de pagamento até a fábrica de hambúrguer, ainda bem cedo, antes do seu expediente de trabalho.

Margeando o rio, que reflete

em suas águas turvas o início da manhã, Edgar Wilson prossegue num ritmo que lhe confere mansidão. Ao atravessar a porteira que dá acesso ao estacionamento do matadouro, constata que a placa de madeira com o nome do local está solta num dos lados. Pensa em retornar mais tarde para endireitá- la. "Matadouro Touro do Milo" é o que diz a placa, com a cara de um touro marrom

desenhada. Porém, ali de tudo se abate: bois, vacas, ovelhas, porcos, coelhos, búfalos e touros. Qualquer coisa é aceita. Desde que se pague.

Edgar Wilson dá um breve toque na porta entreaberta do escritório do patrão e ele rosna em sinal positivo para a sua entrada. Sem dizer nada, Edgar entrega a ele um documento, mas pouco sabe do que se trata.

— Edgar, agora cedo vai

chegar um carregamento que vem de longe. São umas vacas libanesas. Viajaram quase um mês e vão chegar aí muito debilitadas.

Seu Milo faz uma pausa, verificando o documento que acabou de receber das mãos de Edgar, que, por sua vez, imagina como são as vacas libanesas e se elas requerem algum procedimento diferente.

— A boa notícia é que o

Santiago já chegou e começa hoje a trabalhar com você. Ele vai ficar no boxe do lado. Vamos otimizar o trabalho. — Ao dizer isso, Seu Milo suspende as mãos para o céu. Otimizar deve ser algo da Providência divina, pensa Edgar Wilson.

— Posso contar contigo, Edgar?

— Às ordens, senhor.

Milo dá um tapa na mesa, está mesmo animado com as vacas

libanesas e o abatedor de renas.

— Outra coisa... é sobre o Zeca. Acho que você sabe mesmo onde ele está.

Edgar Wilson não recua ou nega. Ele não mente e nunca soube como fazê-lo. Sempre ouviu nas missas que a mentira é coisa do diabo.

— Sei sim senhor.

Seu Milo aguarda a conclusão da resposta, porém Edgar não se manifesta. Milo questiona mais

uma vez:

— E então, onde ele está?

— No rio.

O patrão repousa sobre um silêncio desconfiado. Baixa a cabeça levemente e permanece olhando para as mãos entrelaçadas sobre a mesa.

— No Rio das Moscas?

— É sim senhor.

— E como ele foi parar lá, Edgar Wilson? — pergunta Seu Milo com um olhar inquisidor,

após levantar a cabeça e secar o rosto com uma toalhinha.

— Eu mesmo botei ele lá. Abati e depois joguei ele no rio.

— Por que você fez isso, Edgar?

— Ele maltratava o gado. Não prestava de jeito nenhum.

— Isso é crime, Edgar. Você matou um homem.

— Não, Seu Milo. Já matei mais de um. Só quem não prestava.

Seu Milo decide se calar. Conhece a lealdade de Edgar Wilson, conhece seus métodos e sabe que Zeca não prestava nem um pouco. Ninguém deu queixa de seu sumiço, e se alguém viesse procurar pelo rapaz diria simplesmente que nunca mais apareceu no trabalho. Que não sabe por onde anda. Assim como ninguém questiona a morte dentro do matadouro, certamente Zeca, cuja

racionalidade estava equiparada à dos ruminantes, teria sua morte ignorada. Seu Milo conhece os homens de gado, pois ele também faz parte do bando. Ninguém está impune. Todos são homens de gado e sangue.

***

O caminhão velho chacoalha à distância, avançando não mais que cinquenta quilômetros por

hora. As depressões são profundas em algumas partes do trajeto e fazem a caçamba se deslocar com força de um lado para o outro. As nuvens que encobriam o sol se dissiparam. O clarão no céu garante que cada homem naquele matadouro tenha uma sombra que o persiga, uma sombra mais negra do que a maioria dos trabalhadores. A caçamba do caminhão é amarrada com cordas desfiadas,

os pneus são carecas e o para-choque enferrujado confere ao veículo uma aparência de decrepitude. Descem do caminhão aos pulos, os mais velhos e pesados apoiam-se na grade da caçamba antes de atingir o chão. Uma garrafa de pinga já foi consumida durante a viagem. O odor da bebida forte se mistura ao mau hálito e ao cheiro das entranhas que vez ou outra caem no chão e nunca são

completamente removidas.

Cada um segue para o seu posto sob os olhares do capataz do matadouro, Bronco Gil. Um homem alto, de pele queimada de sol, cabelos lisos e extremamente forte, que não dispensa o uso de suspensórios e botas de couro, mesmo com todo o calor. É um caçador, como ainda se autointitula. Quando alguma vaca se desprende e foge, ele é capaz de capturá-la

rapidamente. Quando uma onça ou um javali ameaçam a segurança do gado, ele permanece dias e noites na mata até emboscá-los. Se algum desentendimento entre os funcionários excede o limite da boa convivência, ele sabe como resolver. Bronco Gil é um mediador, um caçador, um carneador e um dos piores sujeitos que Edgar Wilson já conheceu.

Apesar da habilidade em manusear uma espingarda, ele prefere o arco e a flecha para atingir o que quer que seja. É filho de uma índia e de um fazendeiro branco. Até os doze anos viveu numa tribo em que não era permitida presença de estranhos, e, isolado do mundo, vivia imerso numa cultura pouco afeita ao carinho. Num ritual de iniciação à vida adulta, perdeu um dos testículos

acidentalmente. Isso o tornou mais calado e mais agressivo. Tempos depois, o pai decidiu buscá-lo para viver com ele na fazenda, pois precisava de um ajudante. Em troca de carne enlatada e banha de porco, Bronco Gil foi levado para uma região muito distante da tribo. O pai, que já era um homem velho e viúvo, havia perdido todos os três filhos, que investiram semanas numa caçada a duas

onças que andavam rodeando o gado da fazenda. De um dia para o outro, o velho se viu sozinho e sem herdeiros, por isso decidiu resgatar Bronco Gil e tentar civilizá-lo antes que fosse tarde demais. Era assim que pensava o velho. Porém, a civilização o barbarizou, e a pouca afeição que conhecia tornou-se tão semelhante ao pó do chão que pisava diariamente. Civilizado, com botas e suspensórios, além

de pentear os cabelos e ensebá-los com seiva de mutamba de juá, foi ensinado a caçar por prazer e nunca dar as costas a ninguém. Viveram juntos, pai e filho, por dez anos, até que o velho morreu de parada cardíaca enquanto cavalgava entre as plantações de milho.

Sozinho, Bronco Gil perdeu a fazenda, os cavalos e duas caminhonetes em mesas de jogos. Outra parte do que tinha

gastou com prostitutas e bebidas. Numa madrugada, voltando para casa, apoiado em duas mulheres, bêbados pela estrada, foram atropelados e deixados para morrer. O trecho deserto não permitiu que o socorro chegasse antes de oito horas do ocorrido. As mulheres não resistiram; ele foi socorrido a tempo. Mas seu olho esquerdo não teve nenhuma chance. Um abutre o comeu à vista de seu olho direito.

No lugar do olho vazio, ganhou um feito de vidro; castanho, semelhante ao natural, e que vez ou outra descola-se da órbita ocular.

Bronco Gil enrola um cigarro e o coloca atrás da orelha. Provavelmente o acenderá na hora do almoço. Apanha uma prancheta e com uma caneta preta marca a presença dos homens que acabaram de chegar. Conhece todos pelo nome e

apelido. O nome de Zeca continua na folha, porém faz alguns dias que não recebe nenhuma marcação de presença.

O carregamento das vacas libanesas já está atrasado. Ao passar por Bronco Gil, Edgar Wilson o cumprimenta e segue para o vestiário, onde se preparará para o trabalho. Veste as calças jeans sujas de sangue e uma camiseta surrada, de cor bege. Calça as botas pretas de

borracha cano médio e coloca o avental branco. Na cabeça, um boné desbotado com respingos de sangue.

No boxe de atordoamento, encontra Santiago debruçado numa mureta esperando por ele. Não é muito alto, mas é forte. Tem algumas tatuagens pelos braços e pelo pescoço, e os cabelos compridos estão amarrados com um elástico.

— Você deve ser o Edgar

Wilson — diz Santiago, estendendo a mão para cumprimentá-lo.

Edgar responde ao cumprimento. Santiago é um tipo ansioso, inquieto. Mexe-se com rapidez e cutuca o nariz todo o tempo.

— Eu abatia renas na Finlândia.

— Tem experiência com bovinos?

— Sim, eu abatia bovinos

numa fazenda no interior da Irlanda, até que fui parar na Finlândia com as renas.

Santiago sorri todo o tempo em que fala, um riso nervoso, e sua agitação não fará bem ao gado, pensa Edgar Wilson.

— Lá — continua Santiago — a gente tinha que correr atrás das renas. Elas ficam presas num cercado e você precisa ser muito ágil, ágil pra cacete, e agarrar ela pelo pescoço, pela pata. —

Enquanto fala, gesticula, pula, gira de um lado para o outro. — E elas têm chifres grandes assim ó... eles são cerrados pra ficar mais curtos, mas ainda assim eles te atravessam se você não tiver muito cuidado, é preciso ficar esperto o tempo todo. São animais muito velozes. — A voz do rapaz é estridente e acelerada. Edgar Wilson assimila a conversa com curiosidade. — E eu sou um cara muito veloz. E depois que a

gente pega elas, vrau, é só degolar. É rápido mesmo. Só sossego quando vejo o sangue afundando na neve... aí, sim, eu fico calmo.

Edgar Wilson está paralisado. O olhar congelado no rapaz. Imagina a neve branquinha, nunca conheceu alguém que tivesse visto a neve. Pensa no sangue sobre a brancura do gelo. Pela primeira vez desejou ver a neve.

— Aqui você só precisa acertar uma marretada na testa do boi. Só isso. E precisa ser rápido. Não pode errar, senão o bicho sofre muito.

Santiago começa a pular de um lado para o outro como se estivesse se aquecendo para entrar num ringue de luta. Alonga os braços para trás e para os lados. Abre as pernas e movimenta os quadris. Enquanto Edgar Wilson orienta-o, ele

começa a se vestir: um macacão branco com um imenso zíper nas costas, luvas de borracha, uma touca de borracha e óculos de esqui.

Quando Edgar conclui as instruções, Santiago vira-se de costas e pede que feche o imenso zíper que vai das nádegas até a nuca. Com um forte puxão, Edgar o suspende. Santiago ajeita os óculos de esqui, acomodando o elástico em torno da cabeça, e

diz enfaticamente estar pronto.

Edgar Wilson percebe que aqueles óculos são muito eficientes. É justamente o que precisa para evitar sangue nos olhos.

— Onde eu consigo um desses? — pergunta Edgar apontando para os óculos.

— Eu trouxe da Finlândia. Usava pra esquiar. São óculos de esqui.

Edgar Wilson se dá conta de

que num lugar como esse jamais encontrará óculos de esqui, pois aqui só há terra, poeira e lama. Santiago faz alguns elogios à praticidade de ter esses óculos em seu uniforme de trabalho.

— Eu posso tentar conseguir um pra você.

— De que jeito?

— Tenho um amigo que consertava trenós lá na Finlândia e voltou no mesmo dia que eu. Ele abriu uma oficina mecânica

com os irmãos. É longe daqui, mas sei que ele tinha um monte desses óculos. Eu deixei algumas coisas minhas com ele, e ele vai me mandar tudo, assim que der.

— Será que ele me venderia um?

— Eu vou falar com ele e te digo.

Edgar Wilson acena com a cabeça em agradecimento e vai até o canto do boxe, de onde retorna com duas marretas.

Uma, com uma linha branca no cabo de madeira, tem seu nome escrito com caneta azul. A outra ele entrega a Santiago e pede que ele o siga. Edgar posiciona-se no boxe e manda que venha o primeiro boi. O animal é conduzido por um curto e estreito corredor que dá no boxe de atordoamento. Os que são mais arredios recebem choques emitidos por um bastão, que os fazem caminhar. Uma janela é

aberta e o boi acondicionado no estreito espaço não consegue se virar ou recuar. Edgar Wilson cicia e toca a testa do boi. O animal torna-se menos agitado. Os olhos, menos apavorados. Mas o cheiro do sangue de outros ruminantes mortos no mesmo lugar, o cheiro de morte que emana de Edgar Wilson e seu olhar cheio de complacência o fazem saber que morrerá. Edgar Wilson mergulha o polegar

direito no pote de cal e faz o sinal da cruz na testa do boi, suspende a marreta e acerta a fronte, o centro da cruz. Uma única pancada que faz rachar o osso e deixa o animal desmaiado no chão. Imediatamente, a parede lateral do corredor é suspensa e o boi é puxado por outro funcionário, que o levará para a sala de sangria.

Depois de assistir ao procedimento por alguns

minutos, Santiago inicia o trabalho no boxe ao lado, e a fila interminável de ruminantes para a matança aumenta o ritmo de produtividade, mas parece que não diminui de tamanho. Edgar Wilson pensa nos hambúrgueres enquanto trabalha, enquanto afasta as moscas e limpa os respingos de sangue do rosto. Lá na fábrica de hambúrguer a brancura reflete uma paz que não existe, um clarão que cega a

morte. Todos são matadores, cada um de uma espécie, executando sua função na linha de abate.

Capítulo 4

Bronco Gil verifica as horas e constata o atraso de quase duas horas do carregamento das vacas libanesas. Quando avista três caminhões enfileirados cruzarem a porteira da fazenda, ele atira seu cigarro no chão e caminha para recepcioná-los, indicando o local de carga e descarga, escrito com tinta vermelha numa parede

descascada. Ele acena para Tonho, um dos peões responsáveis pela recepção das cargas.

— Já era pra vocês terem descarregado aqui faz tempo. Duas horas de atraso — diz Bronco Gil.

O motorista do caminhão, suado e com visível ar de cansaço, desce da cabine. Reclama da estrada ruim e de uma ponte quebrada que

permitia apenas um carro por vez na travessia. O ajudante do caminhoneiro, sob as ordens de Bronco Gil, abre as portas traseiras do primeiro caminhão-baú, onde estão as vacas, amontoadas e muito debilitadas. Elas sapateiam sobre as próprias fezes e urina. Algumas estão caídas, desmaiadas; outras, enfurecidas. O espaço é pequeno para tantas cabeças de gado, e olhando à distância não é

possível distinguir absolutamente nada dentro da escuridão. Só o cheiro e os mugidos é que determinam o conteúdo do veículo.

Uma rampa de madeira é colocada na caçamba, e num frenesi, com os olhos arregalados, cheios de morte e sangue, as vacas saem, uma por uma, debaixo de chutes, gritos e pontapés. Logo são encaminhadas a um curral aberto

e vazio, preparado para recebê-las. A água já está posta no cocho, e, mesmo com fome e vivendo os últimos dias de uma dieta rigorosa, elas não poderão comer nada.

Bronco Gil segue para o curral e começa a separar o gado bom do gado debilitado. Quando todos os caminhões são descarregados, constata-se a morte de seis vacas. Porém, ainda há quatro delas sob

observação, devido a sua grande debilidade.

O gado morto é colocado, um a um, sobre uma empilhadeira e despejado no improvisado crematório do matadouro, cuja fornalha já está acesa e cujo cheiro atrairá muitos cães ao longo de todo o dia, pois a cremação é sempre demorada.

Isso é tudo o que se pode fazer com o gado morto, pois a carne pode estar contaminada e

o animal doente. Mesmo assim, o desperdício é pequeno. Os que estão sob observação terão até o dia seguinte para responder ao tratamento à base de água, ração e banhos de aspersão, caso contrário, serão lançados na fornalha.

Seu Milo, com aspecto carregado e semblante aborrecido, aproxima-se secando o suor do rosto. Verifica o trabalho que está sendo

executado e analisa a qualidade da carga recebida. Acena para que Bronco Gil se aproxime.

— Recebi um telefonema dizendo que no meio dessa carga tem umas vacas israelenses. — Faz uma pausa e olha para o gado mais uma vez. Contrai o rosto, como se desse jeito, fazendo careta, conseguisse obter algum esclarecimento. Diminui o tom de voz e, constrangido, revela: — Eu não estou

conseguindo ver a diferença. Você percebe alguma coisa?

Bronco Gil olha com acuidade para o gado. Aproxima-se de algumas vacas que seguem apressadas para o curral, toca uma delas, fareja, observa-lhe os dentes, o rabo e encara seus olhos insondáveis. Volta-se para o patrão e, mostrando-se levemente acanhado, responde:

— Não senhor. Essas vacas libanesas são muito parecidas

com as nossas.

Seu Milo coça a cabeça.

— O responsável pelo carregamento pediu que a gente separasse as vacas libanesas das vacas israelenses, porque a carne vai toda pra um frigorífico que fornece diretamente pra um bairro todinho cheio de libaneses. E eles sabem diferenciar o gosto da carne.

— Como eles conseguem? — questiona Bronco Gil.

— Tem alguma coisa a ver com o capim do solo libanês e a água que elas bebem de um açude. Disseram que as vacas israelenses atravessaram a cerca e estavam pastando ilegalmente no pasto libanês, e os peões acabaram misturando tudo quando despacharam a leva pra cá.

— Mas se elas pastavam no território libanês, então a carne deve ter o mesmo gosto.

— Pensei isso... elas deviam ter costume de fazer isso.

— Não vai dar diferença no gosto da carne.

Seu Milo ainda demonstra insegurança. Sua preocupação é comovente, e teme incitar uma guerra entre dois países inimigos. Manda que um dos peões chame por Edgar Wilson, que está no boxe de atordoamento.

— Pois não, Seu Milo. Mandou me chamar? — diz

Edgar, limpando as mãos ensanguentadas, não se dando conta dos respingos de sangue no rosto.

— Edgar, temos um problemão aqui.

Edgar Wilson mostra-se condescendente.

— Esse carregamento de vacas libaneses está com um problema. — Seu Milo toma ar antes de continuar. — Umas vacas israelenses vieram misturadas às

vacas libaneses, e essas vacas são inimigas. A gente precisa saber quem é quem. — Seu Milo aguarda uma reação de Edgar Wilson, que permanece imóvel, à espera de mais detalhes. — Libaneses e israelenses são inimigos — continua o patrão. — Um não come a vaca do outro. E essas vacas vão pra um frigorífico que só fornece pra libaneses. Você entende o problema que temos aqui?

Edgar faz que sim com um leve aceno de cabeça.

— Sou eu que vou abater essas vacas?

— Vão mandar um muçulmano fazer isso — responde Seu Milo. — É a tradição deles. Precisam invocar a Deus na hora do abate. Eles têm homens especializados para isso.

Edgar Wilson não responde, mas pensa que é muito parecido

com o que costuma fazer ao abater um desses animais.

— Você é muito bom com o gado e eu quero saber se você consegue saber quem é quem.

— Eu não consegui ver nenhuma diferença — atesta Bronco Gil.

— Como elas se misturaram? — pergunta Edgar Wilson.

— As vacas israelenses gostam de pastar no território libanês — justifica Bronco Gil.

— Eles precisam aumentar o tamanho da cerca — diz Edgar Wilson. — Assim as vacas não passariam de um lado pro outro.

— Concordo com você, Edgar. O problema deve ser mesmo o tamanho da cerca. Se esses miseráveis tivessem uma cerca grande o suficiente, eu não estaria aqui me cagando todo com medo de mandar as vacas israelenses pro prato dos libaneses. — A alteração de Seu

Milo lhe causa falta de ar. — Não quero que venham aqui bombardear meu matadouro... não quero briga com essa gente. É gente de morte. Matam o tempo todo.

— Eu posso dar uma olhada nelas, se o senhor me permite.

— Por favor, faça isso agora mesmo.

Edgar Wilson entra no matadouro e retorna com uma latinha de tinta amarela. Segue

cabisbaixo para o curral onde todas as vacas estão reunidas e ainda agitadas. Caminha entre elas e as observa, uma a uma. Santiago haveria de dar conta do abate do gado sozinho pela próxima hora.

Em princípio, não era possível distinguir coisa alguma, nem mesmo as vacas locais das vacas estrangeiras, porém acreditava que um detalhe ao menos chamaria a sua atenção. Cicia,

enquanto suavemente pisa no solo, deixando-se tornar parte do rebanho. Observa três vacas recuadas, num canto, com as faces muito próximas, como se confabulassem. Uma quarta vaca se aproxima e toma posição semelhante às outras três. Edgar Wilson se aproxima e bate as mãos na tentativa de dispersá-las, mas o quarteto se mantém inabalável. Busca outras vacas para o convívio do quarteto.

Estranha a seletividade do gado. As vacas em maior grupo mugem com força e se recusam a aproximar-se das outras.

Por alguns segundos, Edgar Wilson sucumbe ao entardecer que ainda não envelheceu, mas que se precipita para uma noite morta, sem lua ou estrelas. Ele sabe escutar em silêncio, até mesmo quando os outros tão somente suspiram ou resfolegam. A vida no campo o tornou

parecido com os ruminantes, e, sendo ele um homem de gado, consegue estabelecer perfeito equilíbrio entre os temores dos irracionais e o devaneio abominável de quem os domina. Afunda dois dedos na lata de tinta e marca a testa do quarteto de vacas acuadas.

— Ele conseguiu, viu só — diz Bronco Gil para o patrão, que apenas sorri.

Edgar Wilson pisa do lado de

fora do curral e caminha vagaroso na direção dos dois. No trajeto acende um cigarro. O cheiro da carne bovina que estala no crematório começa a atrair os cães.

— As marcadas de amarelo, senhor.

— Bom trabalho, Edgar Wilson — diz Seu Milo, orgulhoso e aliviado.

Edgar empurra a porta do matadouro, mas antes de entrar

olha para a fumaça alta que emana atrás do galpão. Ela se dissipa com o vento antes de tocar as nuvens.

Atravessa a porta e retoma sua função, pois a fila é longa e o trabalho interminável.

Capítulo 5

Bronco Gil finaliza a conferência do gado confinado num dos currais e autoriza um dos peões a levá-los para o banho de aspersão que é realizado num galpão em que há irrigadores instalados no teto. Assim, coletivamente, eles recebem jatos de água morna, para serem lavados antes da matança.

Aos seus pés há um bezerro abortado cercado de vermes, comido em parte, envolto numa película escura proveniente da placenta ressequida. É a segunda vez em três dias que se depara com um aborto de vaca. Busca uma pá, apanha-o do chão e o deixa no crematório.

— Outra vez? — pergunta o peão responsável pela cremação do gado.

— Não estou entendendo —

comenta Bronco Gil, cheio de preocupação. — Isso é raro acontecer.

— Elas devem estar doentes.

— Pode até ser, mas acho que não é doença. As vacas estão até bem saudáveis.

Bronco Gil por alguns instantes permanece em silêncio, até ser interrompido pelo peão.

— Faz tempo que não nasce um bezerro por aqui.

Bronco Gil olha para o aborto,

agora jogado sobre um carrinho. Tenta recordar-se há quanto tempo não vê bezerros nos pastos.

— Pelo menos uns seis meses — murmura Bronco Gil.

— É por aí mesmo — responde o homem, arrastando o bezerro para dentro do forno com a ajuda de outro peão. Ele toma fôlego e continua: — Tenho cremado muitos abortos nos últimos meses.

Tonho acena para Bronco Gil, que, quando sai do crematório, percebe um pequeno grupo de pessoas que atravessam a porteira. São esses os miseráveis que moram nas redondezas e vivem de comer o gado morto nos transportes. Quando um carregamento chega, eles atravessam a porteira horas depois. Sempre há alguém de sentinela nas estradas, vigiando o tráfego de cargas de gado.

Bronco Gil não os tolera, mas no fundo sente pena. Vai ao encontro deles antes que se aproximem demais do carregamento estacionado no pátio.

— Hoje não tem nada aqui pra vocês.

— Moço, a gente viu o caminhão chegar — diz uma das mulheres do bando. Ela tem um lenço estampado amarrado na cabeça; a pele negra é seca feito

couro curtido e os lábios muito inchados.

— Mas não tem nada pra vocês hoje — insiste Bronco Gil.

— Não tem nenhum morto? — pergunta uma velha corcunda, enrolada num xale amarelo.

— Já despachamos pro crematório. Saiam daqui. O patrão não quer vocês aqui.

— Pelo amor de Deus, senhor. As crianças têm muita fome. A plantação não tem

rendido — insiste uma das mulheres.

— É verdade, moço, não tem nada lá em casa — completa uma menina, de cabelos loiros sarará e sardas no rosto.

Bronco Gil olha para os lados. Apanha outro cigarro de palha atrás da orelha e o acende. É sempre uma miséria lidar com isso. Com a fome, com as mulheres e as crianças. É um inferno que poucos conhecem. O

inferno com que lida habitualmente é debaixo do sol e cheio de fome e poeira.

Suspira. Olha ao longe.

— Fiquem lá fora, depois da porteira. Se escondam no mato porque o meu patrão não quer vocês por aqui. E, se eu perder o meu emprego, eu juro que mato todas vocês. Mato e esfolo o couro, entenderam?

Elas acenam positivamente.

— Eu vou mandar um peão

levar um pedaço do boi morto pra vocês. E, se alguém ficar doente por causa da carne, nem pense em voltar aqui pra reclamar. Vocês já sabem o que vai acontecer.

— Deus lhe pague, moço. Deus lhe dê em dobro — diz a velha tentando alcançar a mão de Bronco Gil.

— Agora sumam daqui.

Com isso, elas andam apressadas para fora dos limites

do matadouro e ele retoma seu trabalho. Ordena a Tonho que corte algumas partes de uma das vacas mortas e leve-as para as mulheres do outro lado da porteira. Quase uma hora depois, Tonho despeja um saco com pedaços gordos da vaca aos pés das mulheres, que precisam disputar com uma matilha de cães famintos que rodeiam o matadouro sempre que o forno do crematório é aceso. Elas

agradecem e seguem de volta pela estrada repleta de sequidão e cães raivosos.

Burunga novamente está com a cabeça enfiada num tonel de água e rodeado por homens que aguardam ansiosos o resultado do cronômetro que o velho Emetério faz questão de segurar. Quando suspende a cabeça, tem mais um recorde e apanha os trocados em seu chapéu de

palha, logo depois de suspender as calças. Burunga tem urgência em arranjar dinheiro para os olhos deficientes da filha. Espera que tenha fôlego suficiente para conseguir.

Falta pouco para terminar o horário de almoço e Edgar Wilson sai do refeitório e aproveita seus últimos minutos de descanso sentado num toco de árvore, protegido pela sombra de uma goiabeira.

Santiago aproxima-se amarrando os cabelos com um elástico. Tira do bolso um chiclete e o joga na boca. Senta-se numa lata de tinta emborcada ao lado de Edgar Wilson.

— O trabalho é pesado mesmo — comenta, sem obter reação de Edgar Wilson, que observa as vacas no pasto. — Eu sentia falta desse calor. Às vezes ficava meses sem ver o sol. Era só o frio, o gelo e uma brancura

desgraçada que não deixava a gente ver nada.

— Como é a neve? — pergunta Edgar Wilson.

— É diferente de tudo o que a gente tem por aqui. É bonita demais.

— Eles têm porcos por lá?

— Não vi porcos não. Mas tinha alce. Abatia alce também, quando me pagavam pra isso. Eu trouxe até uns enlatados de carne de alce que eu sempre

comia.

— Que gosto tem?

— De carne defumada. Se você quiser, tenho algumas ainda.

Edgar acena com a cabeça, em agradecimento. Volta a observar as vacas pastando.

— O que tanto você olha pra esse pasto? — questiona Santiago, inquieto, colocando-se de pé.

— As vacas... elas estão

diferentes.

Santiago olha para o pasto, mas para ele não há nada além do que imagina ser o habitual.

— Você reparou naquilo? — aponta Edgar Wilson. Santiago estica os olhos e suspende o queixo demonstrando curiosidade. — Tem algumas vacas viradas para o oeste e não para o norte. Isso não é nada bom.

— Mas por quê, Edgar? O que

tem nisso... tanto faz pra que lado elas pastam.

— Elas só pastam viradas pro norte, e faz dias que algumas delas estão viradas pro oeste.

— E o que isso quer dizer?

— Que tem alguma coisa muito errada acontecendo.

— Você acha que é o quê?

— Não sei... nunca vi isso acontecer... elas perderam o norte. Isso não é nada bom.

O vento norte sopra ruidoso entre as montanhas e carrega com ele o perfume das romãs maduras. O vestígio do dia se apagou faz alguns minutos. O rastro do crepúsculo foi encoberto pelo tom cinzento do início da noite.

Quando a noite cai, os moradores do Vale dos Ruminantes costumam fechar as portas e as janelas. Imaginam que as coisas improváveis do dia

podem dominar as trevas. É quando pensamentos, outrora impraticáveis, tornam-se viáveis; quando os sussurros se intensificam, e principalmente quando essa camada de treva mantém qualquer um insuspeito. Os vultos, os vãos, as sombras compridas, tudo isso é trazido pela noite, que é imensa, e seus limites, infinitos.

Durante o dia, é possível perceber as linhas divisórias do

horizonte, as suas delimitações. É assim quando se olha para o rio. Porém, olhar para o rio à noite é não ver nenhuma dessas linhas que o definem. Apenas escuridão interliga as águas doces e o céu. A linha do horizonte, aquela tênue divisão perceptível por causa da luz do dia, não existe durante a noite. À noite, com o sossego do corpo, percebe-se melhor o que vai dentro de si. As reflexões sem linhas divisórias ou

fronteiras.

Todos os homens que não vivem no alojamento do matadouro já foram embora para suas casas. Restam apenas aqueles que dividem meia-parede com o gado. A noite caiu há poucos instantes e hoje não haverá diversão. A maioria, após a janta, irá dormir. Seu Milo ainda está em seu pequeno escritório espremendo a ponta do dedo nos botões da calculadora.

Edgar Wilson e Bronco Gil dividem uma garrafa de cerveja sentados lado a lado no mesmo toco de árvore debaixo da goiabeira. Edgar costuma permanecer ali sempre que pode, observando o pasto, que está silencioso, como convém quando a noite chega.

— Carne de alce? Eu te digo que nunca vi um desses na minha vida de caçador.

— Ele disse que ainda tem

umas latas. Que abatia alces também.

— Pelo visto tem trabalho em tudo que é canto.

— Alce parece veado.

— Ah, sei... já cacei um monte de veados. São velozes.

Os leves mugidos que reverberam na fazenda parecem o marulhar de águas tranquilas. O vale é um lugar repleto de árvores, vegetação rasteira, pequenos córregos, cachoeiras, e

que floresce em tom avermelhado devido às rosas e às romãs, mas principalmente por causa do sangue. Ao longe não é perceptível, nem o cheiro é detectável, mas as roseiras que margeiam o Rio das Moscas tornaram-se mais escuras ao longo dos anos, pois se alimentam da água sangrenta do rio.

No dia seguinte, um grupo de estudantes universitários visitará

o matadouro e depois seguirá para a fábrica de hambúrguer para conhecer todo o percurso da carne. Seu Milo inicialmente rejeitou a ideia, mas voltou atrás devido aos apelos do professor que acompanhará os alunos. Eles não sabem o que vão encontrar, pensa Edgar Wilson. Talvez não vejam todo o processo, pois certamente ninguém sai impune depois de entrar num matadouro. A primeira vez que

abateu uma vaca, Edgar sentiu a agitação do sangue do animal e ouviu o estalo do crânio. Nos olhos do ruminante, ainda que constantemente insondáveis, dissiparam-se toda névoa e toda escuridão. Era a imagem dele que estava diante de si, refletida nos olhos da vaca, pouco antes de morrer. A imagem da besta. Diariamente é a si que enxerga quando mata, pois aprendeu a ver sob a neblina que encobre os

olhos do animal.

A cerveja está no final, e Bronco Gil, aquietado, cochila com a cabeça pendurada para a frente. Edgar Wilson escuta um resfolegar vindo do pasto. O casco das patas batendo no chão ecoa nos limites da fazenda. Um mugido longo e áspero é emitido, seguido do trotar de uma vaca, que avança e se choca contra a cerca. Bronco Gil suspende a cabeça e arregala os olhos. A vaca

força a cerca para que se rompa. Ela se corta nos arames farpados.

— Deus do céu, que diabos é isso! — exclama Bronco Gil tirando o chapéu.

Edgar Wilson se levanta e permanece parado. Bronco Gil, de pé, recua sutilmente. A cerca balança e as estacas fincadas no chão começam a se soltar da terra. Os fios de arame farpado esticam, mas não se rompem.

— Ela está sendo atacada —

diz Bronco Gil, levando a mão ao revólver que está preso ao coldre agarrado às suas costelas.

— Não está não — diz Edgar Wilson.

Bronco Gil atira para o alto na intenção de espantar o predador que estaria atacando a vaca. Com a visão de apenas um olho e devido à escuridão no pasto, não tem certeza do que vê. Edgar Wilson, com os olhos fincados no pasto, observando toda a

movimentação, afirma não ter nenhum predador.

A vaca torna-se mais agressiva e começa a empurrar com a cabeça uma das estacas, que se rompe e faz baixar a cerca o suficiente para poder pulá-la. Enfurecida, corre pela fazenda, até parar por uns instantes e bater com o casco da pata dianteira contra o chão de terra. Fareja por algo. Bronco Gil ainda teme que o predador esteja por

perto, provavelmente uma onça ou um javali. Mas o gado que permanece no pasto está recolhido num canto, apenas mugindo.

A vaca vira de um lado para o outro como se buscasse uma direção. Parece aquietar-se. Bronco Gil faz sinal para que Edgar Wilson o siga, apanha a corda que mantém presa ao cinto e dá um laço no intuito de capturá-la. Os dois dão alguns

passos comedidos e fazem um percurso por trás de algumas árvores para que a vaca seja surpreendida, e para isso precisam se posicionar no ponto cego do animal. Bronco Gil, no movimento brusco de enlaçá-la, perde o olho de vidro, que escorrega da órbita ocular e cai no chão.

— Meu olho caiu — ele grita abaixado no chão, revirando o mato. — A porra do olho caiu!

A vaca inicia uma corrida desesperada em direção ao matadouro emitindo um longo mugido, que soa desafiador, e só para quando se lança de cabeça contra uma parede com tamanha força que seu corpo chega a se levantar do solo e cai debatendo-se até não emitir mais nenhum mugido.

Edgar Wilson aproxima-se dela, que ainda mexe uma pata. Os olhos dela estão arregalados,

petrificados. Ele abaixa e toca-a gentilmente na testa partida, fazendo o sinal da cruz. Não encontra o seu reflexo nos olhos do ruminante. Desta vez, ele não estava lá.

Nem a lua consegue fazer distinguir céu e terra. É como se a imensidão tivesse engolido o vale, é como se Edgar Wilson estivesse dentro da barriga de Deus, no princípio da criação, quando tudo era treva.

Capítulo 6

Bronco Gil observa o pasto. Sua sombra alonga-se até tocar a cerca parcialmente destruída. É um dia quente e empoeirado. Debaixo do sol, todos os homens já estão empenhados em suas funções e implacavelmente perseguidos por suas sombras. Enquanto caminha, sua sombra invade o pasto e cobre parte de

uma vaca sonolenta que mastiga um punhado de capim. Ele se abaixa e enche de terra a concha da mão. Em seguida a cheira e joga para o lado. De pé, busca encontrar no arame farpado da cerca algum vestígio do animal que atacou a vaca. Além de não encontrar nenhum pelo, verifica que a cerca não possui nenhum dano, a não ser o que a própria vaca causou. Espanta algumas delas que se amontoam e procura

pegadas de onça ou javali. Não encontra nada.

Ele está determinado a passar a noite em vigília. Por causa do terror provocado na noite passada, imagina ser um animal difícil de capturar. Estrategicamente, elabora algumas armadilhas e pensa na rota de entrada e fuga do predador.

Agachado, novamente farejando outro punhado de

terra, é encoberto pela sombra de Edgar Wilson.

— O que você quer?

— Os estudantes acabaram de chegar.

Bronco Gil coloca-se de pé. Tem uma espingarda pendurada nas costas. Seu semblante é de consternação. Deita a vista sobre o prado delimitado tão somente pelo alcance de seu olho, porém sabe que o horizonte é extenso e os limites não são perceptíveis

desse ponto.

— Preciso achar esse desgraçado — comenta Bronco Gil. — Não entendo por onde ele entrou. Não tem nenhum vestígio. A cerca tá toda boa aqui e ali — conclui, apontando em várias direções, tão desorientado quanto a vaca antes de morrer, tão angustiado quanto um animal na fila do abate.

— Não tinha nenhum predador aqui — afirma Edgar

Wilson.

— E como você explica aquilo? — questiona Bronco Gil, exaltado.

Edgar Wilson permanece calado por algum tempo. Apenas contempla a relva deitada e o dia iluminado.

— Eu vou achar esse animal e vou precisar de ajuda.

— Pode contar comigo.

— Pode ser que esta noite eles venham em bando. — Bronco

Gil ajeita o chapéu. — Por isso, vamos ajuntar os piores homens deste lugar. Sabe usar um desses? — pergunta, mostrando a espingarda.

Edgar Wilson faz que sim com a cabeça.

— Ótimo. Eu prefiro meu arco e flecha. Não se canse muito, vamos ter bastante trabalho esta noite.

Bronco Gil sai do pasto e vai ao encontro dos estudantes

afoitos, que desejam ardentemente conhecer a linha de produção da carne. O grupo é composto de onze alunos e um professor.

— Olá, eu sou o professor Aristeu. Esses são os meus alunos. Obrigado por nos receber neste lugar tão...tão...interessante. — O homem é agitado feito um garrote selvagem e, ao mesmo tempo em que fala, mantém um

sorriso fixo e balança a cabeça em concordância com o que quer que seja. — Estamos muito animados para acompanhar o dia a dia dos trabalhadores e conhecer as instalações do gado e como... — Ele dá uma risadinha. — Enfim, como a carne chega aos nossos pratos diariamente. Daqui nos vamos para a fábrica de hambúrguer que processa a carne de vocês. — Ele interrompe e dá um tapa na própria testa,

como quem diz, que tolice a minha. — Quero dizer, a carne que vocês produzem aqui.

Bronco Gil está calado todo o tempo. Quando o homem termina de falar, ele grita por Tonho e pede que os levem ao curral do gado já selecionado para o abate.

— Gostaria de agradecer a gentileza do senhor Milo, que nos permitiu visitar este lugar tão... tão... curioso — diz o

professor.

— Darei o recado a ele. Se os senhores me permitem. — Bronco Gil suspende o chapéu, demonstrando que também possui boas maneiras, e se retira.

Edgar Wilson suspende a marreta e acerta o primeiro boi do segundo lote do dia. Santiago tem desempenhado um bom trabalho e mantém seu ritmo frenético, aquecendo-se e fazendo alongamentos antes de

entrar no boxe. Edgar Wilson está satisfeito com o trabalho do novo colega e percebe como estava certo em ter despachado o Zeca para o fundo do rio. Até o momento ninguém apareceu para saber dele. Em lugares onde o sangue se mistura ao solo e à água é difícil fazer qualquer tipo de distinção entre o humano e o animal. Edgar sente-se tão afinado com os ruminantes, com seus olhares insondáveis e a

vibração do sangue em suas correntes sanguíneas, que às vezes se perde em sua consciência ao questionar quem é o homem e quem é o ruminante.

Um par de olhos com as pupilas dilatadas pelas lentes dos óculos observa o trabalho dele por uma fresta na parede de madeira do boxe. Ele volta a atenção para o trabalho e percebe que está diante da vaca que tem uma mancha marrom em forma

de gota na testa. Ele a marca com cruz e cal e, após ver-se refletido nos olhos dela, suspende a marreta e a acerta. Um filete de sangue esguicha em seu rosto e respinga no olho direito. Ele seca a face com a ponta da camisa e pede para o peão não liberar o próximo, pois precisa ir ao banheiro lavar o olho embaçado.

Santiago percebe o que aconteceu e diz para Edgar Wilson que conseguiu um par de

óculos de esqui para ele, que já está a caminho, enviado com uma leva de seus pertences pessoais que estavam com o amigo da Finlândia. Meus dias de sangue nos olhos estão contados, pensa Edgar.

Quando sai do banheiro, depara-se com o grupo de estudantes enfileirado, caminhando pelos corredores do matadouro, assemelhando-se ao gado consternado que segue para

o atordoamento. A maioria tem dificuldade para respirar e por isso eles colocam um lenço sobre a boca e o nariz. Alguns decidiram recuar quando avançavam para área de sangria, só em imaginar o que estariam prestes a ver. Estar diante de bois e vacas pendurados de cabeça para baixo pelas patas traseiras e com os pescoços cortados jorrando litros de sangue em tonéis fétidos, misturado a

vômito e outros excrementos, não era o que eles tinham em mente. Ninguém sairá impune. Este pensamento deixa Edgar Wilson satisfeito. Aumenta o ritmo de suas passadas em direção ao boxe de atordoamento quando Tonho o chama, apresentando-o para a turma.

— É ele quem coloca o boi pra dormir.

Todos se viram para ele. O professor Aristeu, que não abre

mão de um lenço quadriculado sobre o nariz, aproxima-se, estendendo o braço para cumprimentá-lo.

— Como vai? Eu sou o professor Aristeu.

— Edgar Wilson.

— Então, Edgar Wilson, conta pra gente um pouco do seu trabalho — diz, entusiasmado, porém com a voz sufocada por baixo do lenço.

— Eu sou o atordoador.

Professor Aristeu está impressionado com o homem diante dele.

— Ah, sim, fascinante. Acabamos de ver o processo de atordoamento pela fresta na parede. É um trabalho pesado. Demanda muita força física, muita concentração. Nem todos os alunos quiseram olhar. — O professor Aristeu é interrompido pela voz de uma de suas alunas.

— Como é matar boi o dia

inteiro? O senhor não acha que isso é assassinato? O senhor não acha que sacrificar esses animais é crime?

Edgar vira-se na direção da voz. Depara-se com o par de olhos com as pupilas dilatas protegidos por óculos de aros vermelhos e pesados. A mulher jovem, vestida de saias longas e blusa branca de botão, faz constantes anotações em um caderno preto. Edgar observa

seus sapatos de couro em duas cores, preto e marrom. Há uma fivela prateada na lateral. São delicados e limpos. Pensa na filha de Burunga, que precisa de óculos para seus olhos deficientes.

— Acho.

Todos permanecem em silêncio, talvez aguardando pela conclusão da resposta, talvez surpreendidos por sua brevidade. A mulher gagueja ao intentar

mais uma pergunta, e dessa vez sua voz é mais contida e frágil:

— Então o senhor se considera um assassino?

— É.

A curta resposta cala a mulher e garante a quietude dos demais. Professor Aristeu sorri afastando o lenço do nariz e esforça-se para desviar a conversa.

— Há quanto tempo trabalha nesta função, Edgar?

— Uns dois anos.

— Ah, sim, que maravilha. Deve ter adquirido muita experiência — comenta, sustentando um sorriso fajuto e abanando as moscas graúdas que povoam todo o ambiente.

— O senhor não se envergonha disso? — a mulher manifesta-se outra vez, agora mais incisiva.

Edgar olha para ela. Olha para todos que estão a sua volta. Respira o perfume do matadouro

e enche o peito. Tira o boné da cabeça e ajeita os cabelos com os dedos. Algumas moscas pousam em seus cabelos curtos e ensebados.

— Senhora...

Faz uma pausa. Edgar Wilson conhece o seu lugar e entende bem quais são as suas obrigações. Jamais foi questionado quanto às suas tarefas. Lida com homens de gado e mulheres miseráveis todo o tempo. Está habituado ao

calor, à poeira, às moscas, ao sangue e à morte. É nisto que consiste um matadouro. Mata-se. Jamais intentou cruzar a cidade e ir do outro lado questionar a maneira como preparam os filés que ele jamais comerá. Ele não se importa com isso. Não se importa com quem comerá o boi que abate, importa-se em encomendar a alma de cada ruminante que cruza o seu caminho. Acredita que eles

possuem uma e que ele dará conta de cada uma delas quando morrer. De cada quinhentos uma alma.

— A senhora já comeu um hambúrguer?

A mulher responde que sim com a cabeça.

— E como a senhora acha que ele foi parar lá?

Todos os alunos se entreolham. O professor Aristeu abre um sorriso nervoso e tenta

emitir algumas palavras, mas Edgar Wilson o afasta para o lado e segue em direção à mulher que está ao fundo do grupo. Ela se encolhe. Os outros recuam. Edgar encara a mulher, esperando por uma resposta. Ela abaixa a cabeça. Edgar apanha uma marreta caída no chão. Não é a sua, mas serve para os seus propósitos. Ele entrega a marreta para a mulher. Ela não entende. Olha desorientada para ele. Ele

insiste e ela a segura. Ele abre a porta do boxe de atordoamento e a manda entrar.

— A senhora pode descobrir se quiser. Desde o início. Conhecer todo o processo, não foi pra isso que vocês vieram? Se quiser fazer o seu próprio hambúrguer, o processo começa aqui.

A mulher larga a marreta no chão e começa a chorar. Um rapaz que se manteve todo o

tempo assombrado, ao deparar-se com o sangue no chão do boxe e o cheiro da podridão, curva-se para a frente e vomita nas botas de borracha de Edgar Wilson. Este olha para o vômito e o ignora completamente. Coloca o boné na cabeça, pede licença e entra no boxe, fechando a porta às suas costas, sem dizer mais nenhuma palavra.

Capítulo 7

O velho Emetério recolhe com uma pá o estrume do gado de um dos currais vazios. Ele enche baldes de excrementos e os joga dentro de um galão. Faz alguns dias que ocupa este novo posto, desde que se acidentou com uma faca enquanto a manuseava no setor de graxaria. Está agradecido por não ter sido despedido e por

não ter decepado o dedo. Sua visão já não é boa como antes e as mãos tornam-se rígidas a cada dia. As juntas dos ossos parecem enferrujadas. Sente dores nas articulações, porém o velho jamais permite se abater, pois permanece vigoroso com seu sorriso murcho e as costas erguidas.

Ao completar um galão de excremento, rola-o até o local de estocagem, onde permanecerá

secando. Em poucos dias será vendido para uma empresa preparadora de adubo, que uma vez na semana envia um caminhão para buscar grandes lotes de matéria orgânica.

Ao entrar no galpão de estocagem, o velho encontra Santiago debruçado sobre um dos galões.

— O que você quer aqui? — pergunta o velho.

— Eu só vim pegar uns

cogumelos — responde Santiago, aparando com as mãos algumas cabeças brancas de cogumelo.

— De novo? Isso não presta, garoto — diz com sua voz baixa e pigarreada.

Santiago volta sua atenção para o galão e continua catando os cogumelos que encontra.

— Isso vai te deixar maluco — insiste o velho. — Sai daí.

— Eu só preciso de mais um pouco, velho. Já estou

terminando.

Santiago leva a mão cheia de cogumelos brancos contra o peito e sai do galpão, animado.

— Patife — resmunga o velho para si.

Santiago guarda em seu armário os cogumelos enrolados num pedaço de pano. Pretende cozinhá-los mais tarde. Puxa uma caixa de papelão e verifica os seus pertences mais uma vez. Está tudo em ordem e ele apanha

os óculos de esqui no fundo da caixa. Confere os elásticos e a armação. Está perfeito. Tranca o armário com um cadeado e sai do alojamento em direção ao boxe de atordoamento.

Ajeita a touca na cabeça e puxa os óculos sobre os olhos. Entra no boxe e, assim que avista Edgar Wilson, assobia para ele e suspende os óculos. Edgar apoia a marreta no chão. Santiago joga os óculos em sua direção.

— Experimenta! — diz Santiago, sorridente.

Edgar Wilson agarra os óculos no ar e imediatamente passa o elástico pela cabeça. Ajusta-o sobre o nariz e olha ao redor. Faz um sinal positivo com o dedo e sorri sem mostrar os dentes.

— Nada de sangue no olho — comenta Santiago, aquecendo-se antes de dar sinal para que o próximo da fila entre no boxe.

— Nunca mais — retruca

Edgar Wilson, e acerta com a marreta a fronte de uma vaca.

Quando o último homem sobe na caçamba do caminhão, o motorista pisa no acelerador, e a pouca velocidade segue em direção à porteira do matadouro. Falta meia hora para anoitecer e resta apenas o pessoal da limpeza, que prepara o local para o dia seguinte. Por mais que esfregue, o ambiente continua

sujo e fedido. Edgar Wilson sai do banho e veste uma calça jeans e uma camiseta preta. Calça seu único par de botas de couro cano curto, que permitem uma aderência maior contra o solo e possibilitam-lhe boa flexibilidade nos movimentos. Permanecer entrincheirado no mato demanda certos cuidados. Coloca um chapéu preto, imitação do modelo australiano caçador, e ajusta a corda pendurada pelo

pescoço.

Vai se sentar no lugar que lhe é habitual e com uma faquinha descasca uma goiaba. Observa Seu Milo ir embora mais cedo. Todos os sábados ele encontra com os amigos no bar para jogar e beber. É seu único momento de diversão. Domingo é o dia de descanso, tanto para os homens quanto para o gado. Nunca derramam sangue no domingo, pois é um dia sagrado, segundo

Seu Milo, e o doutrinamento católico que recebeu toda a vida. Seu Milo costuma ir à missa com a família logo pela manhã, mesmo tendo bebido, jogado e se deitado com prostitutas na véspera. Mas considera-se um bom homem e jamais foi confrontado por suas atitudes. Acredita que a hóstia o limpa de toda impureza e o redime de toda imperfeição. Assim, ao comer a carne de Cristo e beber

do seu sangue, ele se sente parte de Cristo. Porém, nunca pensou que ao comer a carne dos bois e beber do seu sangue também se torna parte do gado que diariamente ele abate. Todas as segundas-feiras Seu Milo vai trabalhar sentindo-se um homem de Deus que pratica a ordem de *no suor do teu rosto comerás o pão*.

Com a ponta da faca Edgar Wilson retira um bicho da

goiaba. Apanha outra no pé e, ao parti-la no meio, verifica a existência de muitos bichos. Joga-a para o lado e volta a se sentar, imerso na quietude que lhe é peculiar, de olhos petrificados mirando o pasto a sua frente, remói pensamentos imperscrutáveis; tão insondáveis quanto os olhos dos ruminantes.

Helmuth espreguiça junto à cerca do pasto, observando o anoitecer e espantando os

pernilongos que se multiplicam a essa hora, assim como as cigarras, que entoam cânticos estridentes. Apanha o terço que carrega sobre o peito e faz uma oração movendo continuamente os lábios, emitindo vez ou outra um som sibilante que se mistura aos zunidos dos pernilongos e ao canto das cigarras. Edgar Wilson gostaria de saber o que um homem como Helmuth pede em suas orações; talvez o mesmo que

ele, talvez o que todo homem ali peça.

Santiago sai do alojamento segurando uma caneca de alumínio que às vezes, intercalando com suas passadas, ele beberica. Sai a passear pela fazenda, sozinho e com fones de ouvido. Esbarra em Bronco Gil e parece não notar. Estala os dedos e sacode os ombros. Bronco Gil carrega um arsenal pessoal e, ao chegar até onde Edgar Wilson

está sentado, joga tudo no chão. Helmuth benze a si mesmo, enfia o terço dentro da camisa e aproxima-se dos homens.

— Eu trouxe umas coisas. Fiz umas armadilhas por aí, em pontos estratégicos — afirma Bronco Gil. — A gente pega ele.

Helmuth escolhe o que quer usar. Apanha uma das duas espingardas e experimenta a pontaria, sem atirar.

— Vou ficar com esta aqui.

— O ferrolho tá agarrando um pouco — comenta Bronco Gil.

Segurando a arma descarregada, Helmuth tenta descobrir o melhor jeito de driblar o defeito.

— Edgar, fica com a outra — ordena Bronco Gil.

Edgar Wilson apanha a espingarda do chão e abre o cano na junta, conferindo que está descarregada. Enfia algumas

munições no bolso da calça e deixa para carregá-la mais tarde.

O ronco do motor da retroescavadeira de Vladimir cala os pernilongos e abafa o cântico das cigarras. Ele estaciona o veículo na área de carga e descarga. Desce segurando um rifle e carrega uma sacola com munições pendurada nas costas. Caminha sem pressa fumando um cigarro que enrolou faz poucas horas. Cumprimenta a

todos e reclama de uma azia que o queima por dentro faz um dia.

A noite finalmente se acomoda sobre as suas cabeças. Eles se retiram para um outeiro onde montam uma base de observação, apoiados num tronco de árvore deitada. Pelos cálculos de Bronco Gil, o predador possui três alternativas de entrada na fazenda até atingir os pastos, e do local onde estão será possível identificá-lo assim que entrar.

Vladimir usa a luneta do rifle para observar a distância, e dois binóculos são revezados entre os outros três. Bronco Gil afia com um pedaço de pedra-pome a ponta de uma flecha, tateando-a no escuro. Precisam permanecer no escuro e falar baixo, porém a lua cheia e o céu estrelado os guiam. Uma hora de silêncio e vigilância depois, Edgar Wilson apanha a sacola com uma garrafa térmica com café e serve um

pouco para si. Os outros o acompanham. Vladimir se levanta e vai mijar aos pés de uma árvore.

— Espero que esse bicho não demore pra dar as caras — comenta Helmuth.

— Era onça ou javali? — questiona Vladimir, retornando de mijar e se acomodando no chão.

— Não deu pra ver direito — diz Bronco Gil.

Os homens caem na gargalhada. Bronco Gil fica sério.

— O Edgar contou que o teu olho caiu — diz Vladimir, debochado.

— Mas o olho bom tava bem aberto — responde Bronco Gil, enfurecido. Ele se levanta e caminha para longe.

— Esse índio filho da mãe... — murmura Vladimir.

— E você, Edgar, não viu nada? — pergunta Helmuth.

— Não tinha nenhum predador — responde lacônico.

— É claro que tinha — retruca Bronco Gil em tom alto enquanto mija numa árvore.

— Mas você não viu — diz Helmuth para Bronco Gil.

— E então, Edgar, o que foi que você viu? — insiste Vladimir.

— A vaca se atirou contra a parede do matadouro — responde Edgar Wilson.

— Assim, sem mais nem

menos? — fala Vladimir.

— Edgar, você não sabe o que fala — contesta Bronco Gil ao retornar.

— Eu sei o que vi. E não tinha nenhum predador lá. Nem no pasto, nem fora. A vaca se matou — conclui Edgar Wilson.

— Uma vez eu tive um cavalo que se recusou a comer e definhou até morrer — comenta Helmuth. — Nem água ele bebia. Virava o cocho.

Bronco Gil pede silêncio e os homens se posicionam.

— Ouvi alguma coisa — diz.

Eles observam à distância, procurando por algum movimento nos pastos e ao redor. Não há nada. Passados alguns instantes de silêncio, Helmuth pergunta:

— É na segunda-feira que vai chegar um carregamento de ovelhas?

Edgar Wilson diz que sim e

completa afirmando que não gosta de abater ovelhas.

— Elas se ajoelham e choram quando vão morrer — justifica Edgar.

— Mas a carne é saborosa — comenta Bronco Gil.

— Verdade — concorda Helmuth.

— Uma vez, lá na tribo, a gente precisava capturar porcos selvagens — começa Bronco Gil. — E aí, o jeito foi colocar umas

ovelhinhas pra atrair eles. Rasgavam elas no meio e dividiam os pedaços. Todos os dias eles voltavam em maior número e a gente ia colocando cercas no local, dia após dia. E eles sempre voltavam em maior número. Achavam que caçavam a ovelha, mas no quinto dia eles já estavam cercados completamente, e, quando enfiamos a última estaca, predemos mais de trinta porcos.

Cinco ovelhas por mais de trinta porcos selvagens...

— É bem vantajoso — analisa Vladimir.

— A gente confinava todos de uma vez só — Bronco Gil fala com prazer — e ia abatendo eles bem devagarinho.

— Comida é o que atrai os animais e deixa eles bem mansos — diz Edgar Wilson.

— Por isso mesmo, Edgar. Como a vaca foi endoidar assim?

Elas ficam aí confinadas, comendo e bebendo... só esperando morrer — fala Vladimir.

— Mas isso elas não sabem — retruca Helmuth.

— Como você tem certeza que elas não sabem? — indaga Edgar Wilson.

Eles ficam em silêncio até que um barulho vindo dos pastos é ouvido novamente. Bronco Gil, agachado com o binóculo, afirma

haver uma movimentação estranha em um dos pastos.

— Agora você vai ver, Edgar Wilson, se existe ou não um predador.

Apoiado no tronco, Helmuth incita-os dizendo que pode ser mais de um. O barulho no pasto aumenta.

— Cuidado pra não atirar em nenhum boi — diz Vladimir.

— Espera — fala Helmtuh, acenando para Bronco Gil baixar

o arco e a flecha. — É o cachorro. É o Feinho passeando no meio das vacas.

— Tem certeza? — questiona Bronco Gil.

— Eu conheço esse vira-lata muito bem. É ele sim... é o Feinho. Ele gosta de perambular pelos pastos.

Decepcionado, Bronco Gil abaixa o arco:

— Vou dar uma olhada por aí, farejar alguma coisa. — E sai a

caminhar.

O dia está quase amanhecendo. Vladimir está cochilando, Helmuth e Edgar Wilson estão visivelmente cansados. Bronco Gil passou toda a madrugada sentado num tronco de árvore a cinco metros do chão, pois queria expandir o alcance de sua visão.

Uma agitação num dos pastos seguida dos latidos de Feinho. Todos se colocam a postos.

Bronco Gil pula da árvore e vai para a beirada do outeiro. Os outros verificam pelos binóculos e confirmam que alguma coisa está acontecendo no pasto. Bronco Gil se anima. Enche o peito de ar.

— Tem chifres — fala Vladimir, olhando pela luneta de seu rifle. — Está se mexendo com velocidade.

As vacas se tornam mais agitadas e alguns grunhidos

ecoam misturados aos mugidos.

— Que porra de bicho é esse! — exclama Helmuth com os olhos pregados no binóculo.

— Não é onça — diz Vlamidir.

— Nem javali — completa Bronco Gil.

As vacas correm de um lado para o outro, espremendo-se umas contra as outras. Um leve pavor alcança os homens, que não conseguem identificar o

animal nem pela aparência nem pelos grunhidos. Mais alguns minutos e o dia os alcançará e trará uma perfeita visibilidade, mas o desespero crescente no pasto faz com que eles desçam do outeiro, com armas em mira, e cerquem o local. O animal passa correndo, desafiando o entendimento dos homens devido à maneira como se movimenta. Nunca viram chifres tão altos nem movimentos tão

velozes. Bronco Gil, com a flecha estendida para trás, aguarda tão somente uma brecha entre os ruminantes e, quando a encontra, dispara.

As vacas estão agitadas, porém nada mais se move de um lado para o outro.

— Acertou? — grita Helmuth.

— Acho que sim — responde Bronco Gil.

— Não tô vendo nada se mexer — diz Vladimir.

— Tem alguma coisa caída no meio do pasto — fala Edgar Wilson assim que as vacas abrem um clarão ao redor do animal caído, que ainda se mexe devagar.

— Ainda tá vivo — completa Edgar Wilson, pulando a cerca do pasto e caminhando com pressa até o animal, com a espingarda em riste.

— Eu te disse, Edgar, eu te disse que tinha um predador —

gaba-se Bronco Gil.

Edgar Wilson toca o animal. Os outros se aproximam em seguida.

— O que é? — pergunta Vladimir, afobado.

— É o Santiago, o novo atordoador. Ele acha que é uma rena.

Edgar puxa da cabeça do rapaz uma galhada presa por elásticos e o descobre da pele de onça que veste.

— Mas que raio... — balbucia Bronco Gil, atônito.

— É a pele de onça que fica no escritório do Seu Milo — fala Helmuth.

A flecha atravessou o ombro de Santiago e ele geme baixinho.

— Quase atirei nele — constata Vladimir.

Edgar Wilson dá uns tapas no rosto de Santiago para o acordar. Ele abre os olhos. Está muito assustado.

— Leva ele pra dentro — ordena Bronco Gil, e os outros homens o carregam com cuidado para a cozinha do alojamento.

O velho Emetério já está acordado, passando café. Questiona o que houve. Os homens explicam.

— Eu disse pra ele que tomar aquela porcaria de chá de cogumelo de bosta de vaca ia deixar ele maluco. Eu avisei.

Depois de colocarem Santiago

sobre a mesa comprida e estreita, o velho lhe dá uma dose forte de café para que recobre os sentidos.

— Dá um pouco de pinga pra ele, velho — fala Bronco Gil.

O velho apanha a garrafa guardada debaixo do seu colchão de palha e destampa a rolha com força. Edgar Wilson suspende a cabeça de Santiago e o velho Emetério derrama a pinga goela a baixo.

— Patife! — exclama quando

Santiago cospe a bebida no seu rosto.

— Segura ele — ordena Bronco Gil a Edgar e a Helmuth.

Com um alicate corta a flecha atravessada no ombro. Santiago esperneia. Edgar Wilson tampa sua boca para que não grite. O velho Emetério traz uma trouxa de meia suja e enfia na boca do rapaz. Bronco Gil começa a puxar a flecha pela ponta, e aos poucos ela começa a escorregar.

Vladimir mantém as pernas de Santiago bem firmes. Ele se debate, e antes mesmo que a flecha saia completamente já está desmaiado sobre a mesa. Com o pedaço da flecha na mão, Bronco Gil olha bem de perto o buraco que ficou. Cobre a ferida com um emplastro de ervas e fumo que ele mesmo prepara.

Edgar Wilson sai pela fazenda carregando uma caneca de café

recém-passado pelo velho Emetério. Decide esticar as pernas e contemplar o céu aberto pela luz do dia, que empurra algumas nuvens escuras para a margem do firmamento. Os raios do sol começam a surgir por trás de uma montanha e o vale se enche de paz no início da manhã. Respira profundamente o cheiro orvalhado da madrugada úmida. Hoje é domingo, e por isso balbucia uma

oração dos tempos de garoto. Edgar Wilson sabe que Deus está nos lugares altos e que Ele se ergue todos os dias com o sol. Sua fé permanece, mas sabe que sua própria violência nunca permitirá que um dia veja a face do Criador. Poderia se redimir, mas nunca se esforçou para isso. Seu livre-arbítrio o faz escolher outra direção, então Edgar Wilson quer preservar a imagem do sol e de seus raios surgindo na

alvorada, pois compreende que, para onde vai, não verá o sol, nem seus raios; não terá aurora nem o surgimento do Criador. Lá, será como estar dentro de uma mina de carvão, soterrado nas profundezas, sem jamais ver a luz do dia. Mesmo depois de dois anos, Edgar Wilson ainda não se esqueceu da mina onde trabalhou e de como a escuridão o afetou para sempre. De certa forma, ele anseia por isso, por

compreender que à luz do sol há julgamento, porém, às sombras, tudo se encobre.

Volta para o alojamento por outro caminho, e assim precisa contornar um laguinho esquecido numa parte da fazenda, onde outrora se criavam patos. Mas desde que chegou ali jamais viu um pato. Sentindo-se muito cansado e sonolento, Edgar Wilson esfrega os olhos ardidos ao observar a uma

distância de metros algo boiando no laguinho. Mantém a caminhada no mesmo ritmo, temendo o que encontrará. Percebe que ainda há um resto de café na caneca e, mesmo frio, ele engole, antes de se abaixar na beira do laguinho e fazer o sinal da cruz diante da vaca afogada. Apanha um pedaço de galho e cutuca-a em vão. Levanta-se e caminha para o alojamento em passadas ritmadas,

demonstrando a calma que lhe é peculiar. A vaca morta não pode ser salva. Nem mesmo ele, que ainda está vivo.

Capítulo 8

Bronco Gil mantém-se firme na ideia de que há um predador rondando, insuspeito, os limites da fazenda. Seu Milo gostaria de contratar mais homens para guardarem o local, porém não há recursos para mão de obra extra.

Desde que a vaca foi resgatada do laguinho com a ajuda da retroescavadeira de

Vlamidir e não foi constatada nenhuma marca de mordida ou lacerações de garras, tudo voltou à aparente normalidade habitual, mas os homens andam desconfiados em relação ao gado. Vacas não se afogam em lagos, elas não invadem a água, a menos que estejam acuadas. E esta é uma das linhas de raciocínio de Bronco Gil.

Seu Milo levanta a cabeça quando ouve uma leve batida na

porta entreaberta do escritório e observa Bronco Gil posicionar-se à sua frente, quase tocando a cabeça no teto rebaixado de gesso.

— O que foi? — diz o patrão, folheando algumas notas fiscais.

— Seu Milo, faz uma semana que as vacas têm se comportado bem. Todo dia faço a conferência e nenhuma se perdeu nem apareceu morta.

Seu Milo expressa um

contentamento sutil devido ao seu semblante constantemente preocupado.

— Ainda não entendo o que aconteceu. Achei que fosse culpa daquele Santiago espantando os bichos, mas depois da vaca afogada acho que ele não teve culpa não.

— Ele tá melhor?

— Já pegou no batente de novo. Ele é meio doido, mas é trabalhador e prestativo.

— Bronco, eu quero que você continue de olho.

— Algum problema, patrão?

Seu Milo deixa sobre a mesa todas as notas e reclina as costas na cadeira. Ele coça a orelha por algum tempo, em silêncio, antes de dizer:

— Eu não queria estar pensando nisso, mas acho que podem ser aqueles ladrões de gado que roubaram a fazenda do Tapira faz uns dois meses. Nunca

pegaram eles.

— Eu não tinha pensando nisso — murmura Bronco Gil.

— Eu acho que eles assustaram as vacas e causaram todo aquele alvoroço.

— Por isso não tinha marca de predador nem nada — comenta Bronco Gil.

— Se foram eles, vão voltar, não acha?

— Acho sim senhor. E eu vou estar esperando.

— Esses ladrões de gado levaram à bancarrota algumas fazendas e matadouros pros lados do leste. Alguns foram presos, mas nunca deu em nada. Você sabe que essas coisas nunca dão em nada.

Seu Milo se levanta e apanha de trás de uma estante de madeira um rifle.

— Quando comecei o meu negócio, passava a noite de vigília, botando pra correr os

ladrões de galinhas. Comecei o meu negócio criando galinhas, até que um dia comprei o meu primeiro boi.

Seu Milo suspira e em seguida retorna à realidade.

— Fez a conferência do carregamento de ovelhas?

— Tá tudo em ordem. O Edgar já tá encarregado de abater o lote todo. Não sei se ele sabe fazer o serviço direito.

— Eu não posso rejeitar

encomendas — diz Seu Milo pensando nos seus compromissos com os credores. — Se precisar, ajuda ele, mas o Edgar sempre dá um jeito de se virar sozinho — volta a atenção para sua mesa. Bronco Gil pede licença e se retira.

Um lote de sessenta ovelhas se espreme num curral afastado dos demais aguardando serem levadas para o abate. Seus balidos

se misturam aos mugidos de bois e vacas, porém, ecoam mais distantes e agudos. Burunga recolhe em seu chapéu de palha uns trocados e está determinado a mergulhar a cabeça no tonel de água pela terceira vez esta semana. Ele tem quase todo o dinheiro de que precisa para os óculos da filha. Mais alguns desafios e ele terá conseguido a quantia exata. O velho Emetério segura o cronômetro.

— Helmuth, tem certeza que não quer mudar a aposta? — pergunta o velho sorrindo com a dentadura frouxa.

— Eu mantenho a minha aposta, sempre.

— E você, Edgar?

— Eu prefiro só ficar olhando.

Burunga deixa o chapéu de palha no chão com todos os trocados da aposta e suspende as calças arriadas nas nádegas. Estala os dedos e toma fôlego,

enchendo-se de ar. Segura as bordas do tonel e mergulha a cabeçorra. Cinco segundos depois, começa a se debater e a fazer a água borbulhar. Os que estão a sua volta riem da nova performance e dão gritos de incentivo. Aos poucos, ele começa a se aquietar e o velho Emetério confere que o tempo se prolongou demais. Burunga não mexe nenhum músculo. Um dos homens toca as suas costas e

recua com o impacto de um choque.

— Ele está dando choque — afirma o homem, sentindo a mão e o braço latejarem. — Não toquem nele.

Bronco Gil, que observa toda a situação, aproxima-se alguns passos e laça-o puxando para fora do tonel. Burunga cai morto no chão, com um semblante impactado, de olhos abertos e a língua esticada para fora.

— Tem uma coisa se mexendo aqui dentro — diz Edgar Wilson olhando para dentro do tonel. Helmuth aproxima-se dele e os dois observam o que parece uma cobra debatendo-se nas águas.

— É uma enguia — diz Edgar Wilson.

— Quem colocou esse bicho aqui? — questiona Helmuth.

— Acho que sei quem foi — responde Edgar Wilson.

Santiago aproxima-se dos

homens, distraído e com fones de ouvido. Vê Burunga caído no chão e Edgar Wilson e Helmuth ao lado do tonel. Edgar apanha a espingarda sobre os ombros de Bronco Gil, retorna ao tonel e, assim que Helmuth vira-o no chão, a enguia corre desesperada. Edgar Wilson dispara um tiro que a parte ao meio. Santiago está pálido e com a mão sobre o peito. Edgar Wilson olha para ele e caminha em sua direção.

— Nunca traga a morte do rio pra dentro da sua casa ou do seu trabalho.

— Ele vai ficar bem? — pergunta Santiago.

— Só Deus sabe. Mas, por hora, ele está morto.

Santiago está desesperado. Bronco Gil aproxima-se dele:

— Eu devia ter acertado o seu pescoço quando tive chance — rosna.

— Eu só queria criar a enguia,

era de estimação, eu ia criar ela no laguinho abandonado.

— Você levou ela pro lago? — pergunta Bronco Gil.

— Eu ia levar hoje, mas eu tava sem tempo, por isso ela tava ainda no tonel. Eu achei que esse tonel estivesse abandonado... achei que o Burunga só usava o outro. — Santiago está quase em prantos.

— Pra que você queria uma enguia elétrica de estimação? —

pergunta Edgar.

— Por que eu achei que seria divertido — murmura.

— É um cabeça de bosta — diz o velho Emetério. — Come tanta bosta de vaca que deu nisso. Patife!

Santiago segue transtornado para o alojamento sem dizer mais nenhuma palavra. Antes passa por Burunga, e, ajoelhado ao lado do seu corpo, faz o sinal da cruz e pede desculpas. Junta os

seus pertences e, deitado num colchonete no chão do alojamento, espera pela decisão dos outros. O trabalho no matadouro fica parcialmente suspenso, já que Burunga era o responsável por conduzir o gado até o abate. Somente no fim da tarde um carro da polícia atravessa a porteira da fazenda, seguido por um rabecão.

O corpo de Burunga está coberto com um lençol e velas

foram acesas ao seu redor. Seu Milo está transtornado, pesa-lhe o prejuízo de um dia de trabalho improdutivo.

Os homens contam aos policiais o que ocorreu. Embrulham a enguia partida ao meio como prova da arma do incidente e enfiam Burunga na traseira do rabecão. Santiago é conduzido à delegacia para dar seu depoimento, assim como Seu Milo, mas antes o rapaz entrega

uma sacola a Edgar Wilson e lhe dá um abraço:

— Edgar, eu sinto muito — diz, baixando a cabeça com o coração quebrantado e envergonhado.

Santiago entra no carro da polícia e senta-se no banco traseiro. Seu Milo os segue na sua caminhonete e pede aos homens que retornem ao trabalho e que ninguém vá embora, que todos devem

trabalhar pela noite e pela madrugada. O funcionamento do matadouro não pode ser prejudicado por causa da morte de um homem, pois ainda restam muitos bois a serem abatidos. E as ovelhas devem estar prontas até o fim do dia seguinte, quando o caminhão-frigorífico virá buscá-las.

Após todas as ordens, Seu Milo arranca com a caminhonete e as cigarras começam a cantar.

Hoje não haverá fim de tarde no horizonte nem descanso. Todos farão hora extra.

No fim da madrugada Edgar Wilson está banhado de sangue. Todas as vezes que ia abater a marretadas uma ovelha, ela ajoelhava à sua frente e baixava a cabeça, em suplício. Em muitas delas ele via lágrimas escorrerem. Sendo assim, decidiu degolá-las, prendendo-as firme nos braços e

tapando os olhos delas.

Apanha um cigarro na cartela quase vazia e o acende com um fósforo. Não comeu nada durante o dia e não consegue sentir fome. Apenas toma alguns goles de café. É tudo o que tem suportado. O dia ainda não dá nenhum sinal, mas não importa o que houver, ele surgirá em uma hora e meia.

— Edgar. — Helmuth entrega a ele uma caneca de café. Edgar

aceita. — Diazinho desgraçado de longo — diz Helmuth se espreguiçando.

Edgar permanece calado. Saboreia o café fresco provavelmente feito pelo velho Emetério.

— Que sujeito mais idiota... quem cria uma enguia elétrica? — murmura Helmuth. — Será que foi preso? Bem, ele não fez de propósito, é um doido. Deve ter sido solto...

Edgar Wilson permanece calado como se não ouvisse nada. Helmuth o chama pelo nome e o sacode. Percebe que Edgar está coberto de fibras, pelos e sangue.

— Elas se ajoelham e choram — diz Edgar com a voz baixa, sonolento.

— Do que você está falando?

— As ovelhas. Elas te olham, se ajoelham e choram antes de morrer.

Edgar Wilson dá uma longa

tragada no cigarro. Enche os pulmões de fumaça e solta pelo nariz lentamente.

— Quase não consegui. Tive que quebrar o pescoço de algumas primeiro, aí eu cobria os olhos delas e as degolava — conclui Edgar.

— Você precisa de um banho — diz Helmuth.

— Que tipo de homem é você? — pergunta Edgar Wilson.

— Um homem de gado.

Caem em silêncio. Somente o som delicado do cigarro queimando ao ser tragado pode ser ouvido.

— Edgar, são apenas animais. Estão debaixo da nossa autoridade.

— Pra viver e pra morrer?

— Pra nos servir.

Edgar Wilson apaga a ponta do cigarro na cerca de madeira em que está apoiado e se retira em silêncio direto para o

banheiro. Ao terminar de se lavar, veste-se e vai se deitar um pouco, pois tem duas horas de descanso antes de voltar ao trabalho. Apanha a sacola que Santiago lhe entregou e confere alguns enlatados de carne de rena e de alce, ou assim os julga pelos desenhos nos rótulos, e um cartão-postal com uma paisagem da neve sobre um banco de madeira entre árvores altas. Tudo é encoberto pelo gelo e

resplandece uma luz que jamais imaginou existir. Sentirá falta de Santiago.

Capítulo 9

Edgar Wilson tornou a ser o único atordoador do matadouro. Seu Milo prometeu contratar outro funcionário para ajudar na tarefa, mas não mostrou fazer isso tão cedo. Duas semanas depois da morte acidental de Burunga, é como se ele nunca tivesse estado ali. Em sua função, foi colocado um dos funcionários

do setor de bucharia que já tinha experiência nessa atividade, e na bucharia o trabalho foi dividido com os funcionários que já estavam lá. Assim como o gado assemelha-se entre si, sendo difícil a distinção entre eles, com os homens parece ocorrer o mesmo. A linha do tempo é como a linha da morte: não pode ser interrompida.

Os bezerros continuam sendo abortados, porém nenhuma vaca

ou boi se perdeu ou apareceu morto. Algumas vacas continuam pastando em direção ao oeste, enquanto outras se mantêm viradas para o norte, como habitual. Ninguém parece se importar com esse detalhe, mas Edgar Wilson sabe que alguma coisa ainda está errada e que a normalidade no matadouro é aparente. Ele sabe disso quando observa o gado pastando, quando olha em seus olhos, quando vê o

seu próprio reflexo neles.

A ideia de ladrões de gado permanece como alerta, e Bronco Gil perambula todas as madrugadas nos pastos e no pequeno frigorífico. Os ladrões roubam tanto o gado quanto as carnes. Depende da quadrilha e de como está aparelhada. Mas seu instinto diz que não há ladrões rondando o local. O que ocorreu não foi tentativa de roubo. Havia uma espécie de

desordem, um desequilíbrio que nunca havia presenciado e que não sabe explicar. Pensa no que Edgar Wilson havia testemunhado quando dizia não ter visto nenhum predador. Imagina que ele possa estar correto e que a vaca enlouqueceu. Que ela correu contra o muro do matadouro depois de arrebentar a cerca porque assim o desejou.

São esses seus pensamentos

enquanto permanece sentado debaixo da goiabeira, quieto, observando o céu estrelado e a lua redonda parcialmente chamuscada de nuvens. Descansa da segunda ronda que acabou de fazer. Os currais e os pastos estão silenciosos. Feinho permanece de prontidão, entrando e saindo dos pastos, aninhando-se às vacas. Bronco Gil decide ir dormir e deixar que a noite o embale como faz com

todos os outros. Levanta-se e vai para o alojamento. Joga a espingarda, o arco e a flecha no chão. Tira o chapéu, as botas, as calças, os suspensórios e o olho de vidro, que guarda dentro de um copo. Permanece somente com a cueca samba-canção e uma camiseta branca que costuma usar por baixo da blusa xadrez. Quando seu corpo toca a cama, sente o peso dos dias maldormidos e relaxa

profundamente, embalado pelo ronco dos outros homens e do seu próprio rosnado.

Uma mosca pousa na órbita ocular de Bronco Gil. O músculo no fundo do buraco se contrai. Abre o olho e ao seu redor não há ninguém. Escuta um burburinho vindo de fora. Levanta-se, sabendo que dormiu além do que deveria. Veste suas roupas, calça as botas e enfia o olho, deixando-o torto, virado de

um jeito como se olhasse para a sua própria orelha. Mas o burburinho é crescente durante esse curto período, e resolve sair antes de passar no banheiro, sem esquecer de pendurar a espingarda sobre os ombros.

— O que está acontecendo? Por que não estão trabalhando? — pergunta Bronco Gil, ainda sonolento.

Três homens discutem entre si na porta do alojamento antes de

responder à pergunta.

— Fomos roubados — diz um deles.

Bronco Gil franze o cenho e dá um passo para fora do alojamento confrontando a claridade do dia, retraindo o olho.

— Foi num dos currais... tá praticamente vazio — diz outro homem.

— Acho que umas vinte cabeças desapareceram —

constata o terceiro.

Bronco Gil sente que precisa esvaziar a bexiga ao mesmo tempo que o pavor lhe percorre as veias. Retorna dez minutos depois com a cara lavada, o olho endireitado e os dentes escovados. Emetério serve a ele uma caneca de café e Bronco Gil quebra o topo de um ovo de galinha dando pancadinhas com a unha do dedo indicador, fazendo um buraco do tamanho

suficiente para deixar o conteúdo sair e escorregar pela sua garganta.

— O que vai fazer? — questiona Emetério, num tom de voz ainda mais baixo que o habitual.

Bronco Gil demora para responder e pensa enquanto saboreia o vestígio do ovo cru. Seu Milo precisou viajar por dois dias para o enterro de sua sogra que morava numa cidade a cerca

de duzentos quilômetros de distância dali. Na ausência do patrão, ele é o encarregado principal. Não quer perder seu emprego, muito menos ser envergonhado.

— Vou buscar as vacas.

— Como vai fazer isso? — pigarreia o velho.

Ele não responde. Segue até o curral e constata a cerca rompida. Fiapos de pelo, sangue e pele estão agarrados nos arames.

Exatamente como na noite em que a vaca, sozinha, rompeu a cerca. As pegadas do gado estão espalhadas como se tivessem pisoteado por toda parte, mas não levam a lugar nenhum. Na porteira, não há marcas de pneus de caminhão. Para transportar vinte e duas vacas, esse é o número exato do desfalque, seria preciso um caminhão dos grandes. Não há pegadas no caminho que leva à porteira. Por

fim, tem a impressão de que desapareceram. Percebe que a madeira das cercas está úmida, e isso é indício de chuva durante a madrugada.

Pede aos homens que retornem ao trabalho e deixa Tonho armado e de vigília. Entra no boxe de atordoamento onde Edgar Wilson se prepara.

— Vou precisar de você e do Helmuth.

— Quem vai abater o gado?

— Vou deixar por conta do Zé Filho.

— Ele tem pouca experiência.

— Mas sabe se virar.

Edgar tira o boné e os óculos de esqui.

— Vamos pegar esses desgraçados, Edgar. Conto com você. Ninguém me rouba desse jeito e fica por isso mesmo.

— Sabe quem foi?

— Não, mas ficar aqui parado não dá. Vou até a fazenda do

Régis Leitão pra ver se sabem de alguma coisa.

Bronco Gil hesita por um instante. Rodeia em curtas passadas o boxe de atordoamento.

— Soube um tempo atrás que ele tava receptando gado roubado. Quero dar uma olhada no local.

Os três homens se espremem na caminhonete. Bronco Gil dirige,

Edgar Wilson está sentado ao lado da janela, expelindo seguidamente a fumaça de seu cigarro, e Helmuth está entre os dois, com seus olhos de peixe morto aguardando por uma ordem.

Contornam o Rio das Moscas, e a mortandade de peixes, que se estende por grande parte da margem do rio, chama a atenção dos homens. Edgar pede a Bronco Gil para parar o veículo.

Eles descem e se aproximam do aglomerado fétido de alguns peixes que ainda se debatem. O sol brilha intensamente. O céu está azul e resplandece uma cor gloriosa. Edgar distancia-se e permanece olhando para o alto por alguns instantes, enquanto os outros dois caminham entre os peixes mortos e moribundos tapando os narizes e especulando o motivo da agressiva mortandade.

— Acho que as águas estão envenenadas — comenta Helmuth.

— É o sangue, é isso que tem contaminado o rio — diz Bronco Gil analisando o cheiro da água e experimentando com a ponta da língua o seu sabor. — Tá salgada — ele fala. Experimenta novamente e certifica-se ao gritar: — A água tá salgada.

— Isso é um rio! — debocha Helmuth.

— Experimenta você — Bronco Gil o instiga.

Helmuth se agacha, traz um punhado de água na mão. Ao tocar a ponta da língua na pequena poça, amarga o semblante e se levanta apavorado.

— Tá salgada — murmura para si, antes de repetir em voz alta.

Edgar Wilson desperta de seu momento de contemplação

quando gritam o seu nome.

— Eu nunca vi uma coisa dessas — balbucia Bronco Gil, espantado.

— Acho que nenhum peixe vai sobreviver nesse rio salgado — diz Helmuth.

Edgar Wilson não diz uma palavra sequer. Apenas observa, temeroso.

— A morte está assolando o rio — diz Bronco Gil, evocando seus antepassados com pequenas

rezas emitidas entre os lábios. — Parece uma maldição. Um espírito muito ruim anda por essas águas — conclui.

— Será que tem a ver com o tanto de sangue jogado no rio? — questiona Helmuth, mostrando-se ainda mais perturbado ao concluir a pergunta.

Edgar Wilson suspende seu chapéu modelo caçador australiano e estende o olhar de

tal maneira que parece tocar a linha tênue que liga as águas turvas do rio ao céu.

— O rio está morto — afirma Edgar Wilson, para em seguida dar as costas e retornar para a caminhonete. Os homens em silêncio apenas concordam acenando com suas cabeças antes de segui-lo.

Continuam a viagem e quarenta quilômetros depois chegam à fazenda e matadouro

do Régis Leitão. A porteira está aberta. A placa com o nome da fazenda está caída no chão. Passam com a caminhonete por cima dela, se dirigem à área de carga e descarga e estacionam ao lado de uma carroça sem rodas.

O local está deserto, constatam isso antes mesmo de descerem do veículo. Caminham por dez minutos, cada um para um lado, e parece que há semanas ninguém visita o lugar.

Dentro do matadouro, há apenas cachorros vira-latas e ratos disputando restos bovinos. Os currais estão vazios. Um trator quebrado enferruja ao relento cercado de mato. No pequeno alojamento, há apenas alguns trapos pelo chão, guimbas de cigarro e garrafas de pinga vazias. Bronco Gil confere que o escritório de Régis Leitão está trancado quando força a maçaneta.

Os três homens se reencontram no pátio de carga e descarga, mostrando-se mais confusos do que quando chegaram.

— Deve ter pelo menos um mês que ninguém pisa aqui — comenta Helmuth.

— Mas que raio tá acontecendo? — murmura Bronco Gil. — Nunca soube que tivessem fechado o lugar.

— Bem, eles não estão com as

nossas vacas — fala Edgar Wilson.

— O escritório tá trancado — diz Bronco Gil. — Acho melhor a gente dar uma olhada lá dentro.

Edgar Wilson apanha um pé de cabra no matadouro e os três seguem até o escritório. Arrombam a porta e a estátua de São Roque, localizada acima do batente da porta sobre uma pequena prateleira, espatifa-se no chão, passando a poucos

centímetros do nariz de Edgar. Eles entram com cuidado. O cheiro de mofo é repulsivo, porém não há nada suspeito no local ou que indique o fechamento do matadouro. Edgar Wilson recolhe os cacos de São Roque no chão, o que para ele é um mau presságio. Coloca os cacos sobre a mesa do escritório e os três saem dali, sentindo-se sufocados.

Novamente reunidos no pátio,

eles permanecem em silêncio, pensativos. Apartam-se novamente uns dos outros, em busca de pistas ou restos que apontem para o que aconteceu. Meia hora depois, estão juntos e alquebrados.

O céu faz uma hora tornou-se cinzento e as nuvens pesadas estão sobre a região. Após algumas trovoadas, eles entram na caminhonete e a chuva grossa os alcança no trajeto de volta.

Apenas o limpador de para-brisa do lado do motorista está funcionando. Devido à pouca visibilidade, Edgar Wilson insistiu com Bronco Gil para guiar a caminhonete. A chuva e o vento aumentam ao longo da viagem pela estrada deserta. A queda de uma árvore obriga Edgar Wilson a fazer outro percurso, desviando-se da estrada principal e tomando um caminho alternativo, mas pouco

recomendado devido às depressões no solo, ao barro que se torna escorregadio em contato com a chuva e ao abismo sem nenhuma mureta de proteção. Edgar fez esse caminho diversas vezes e sempre que pode desce do carro para ver o Rio das Moscas do alto, que para ele é uma visão privilegiada em dias de sol.

— Acho que devemos parar — diz Helmuth. — Tá chovendo

demais.

Edgar concorda em parar assim que encontrar um ponto favorável e recuado da estrada, mas antes que isso aconteça um dos pneus traseiro atola. Eles descem para empurrar a caminhonete.

— Vamos deixar aqui mesmo e ficar lá embaixo das árvores — fala Helmuth.

— Aqui costumam passar alguns veículos — grita Edgar

Wilson encharcado pela chuva, com sua voz abafada pelos trovões. — Precisamos tirar a caminhonete do caminho.

Bronco Gil apanha um toco de árvore e coloca embaixo do pneu atolado e, enquanto ele e Edgar Wilson empurram a caminhonete, Helmuth acelera o veículo sem conseguir movê-lo do lugar.

A chuva aumenta e o barro torna-se uma sopa escorregadia

que faz os pés afundarem. O trecho em que estão é uma descida suave, porém, nessas circunstâncias, não há nenhum atrito do pneu com o solo, a caminhonete ameaça escorregar para o precipício.

— Não está adiantando — grita Edgar, sujo de lama.

Bronco Gil quer tentar mais uma vez e empurram novamente a caminhonete, que começa a se mover lentamente. Edgar Wilson

empurra com o pé o toco de árvore para dar mais estabilidade ao pneu e isso a faz deslizar para o lado, tombando em direção ao precipício. Eles gritam para Helmuth sair do veículo e ele pula numa poça de lama a tempo e agarra-se ao mato pouco antes de ver a caminhonete cair no precipício e espatifar-se lá embaixo.

Ficam os três paralisados. Um raio cai numa árvore próxima a

eles. Helmuth se levanta e evita olhar para trás, para o que seria a sua queda. Edgar Wilson caminha vagaroso até a beira do abismo e apoia os pés numa pedra áspera que suporta seu peso. Ele olha para baixo e vê a margem do rio, a que fica contrária à estrada pela qual costumam trafegar. Bronco Gil grita para ele sair e se protegerem sob uma árvore mesmo sendo perigoso, pois a chuva está com

proporções descabidas e incomuns para esta época do ano.

Edgar Wilson não responde aos chamados de Bronco Gil e permanece olhando para o precipício, tornando-se apenas uma silhueta debaixo da enxurrada. Ele acena para Bronco Gil e Helmuth. Eles hesitam. Edgar insiste.

— O que você quer, Edgar? Saia daí — grita Bronco Gil.

— Eu encontrei — responde Edgar Wilson.

— O quê? — berra Bronco Gil.

Um relâmpago faz Bronco Gil e Helmuth recuarem e Edgar Wilson leva as mãos na cabeça, protegendo-se.

— Eu encontrei — insiste Edgar Wilson.

— Edgar, você quer que um raio caia na tua cabeça? Saia daí agora! — ordena Bronco Gil.

— Eu encontrei — grita Edgar Wilson insistentemente, acenando.

— O que você achou aí, Edgar? — pergunta Helmuth.

— Vem ver — diz Edgar Wilson.

Bronco Gil caminha com cuidado, afundando os pés no lamaçal, seguido por Helmuth, que se apoia num galho de árvore usado como cajado. Aproximam-se de Edgar, que

está com os olhos fixos no precipício.

— O que foi, Edgar? — grita Bronco Gil, irritado.

— Eu encontrei — responde, apontando para baixo.

Bronco Gil e Helmuth olham para baixo, e no fundo do precipício estão as vinte e duas vacas e a caminhonete, esborrachadas, à margem do Rio das Moscas.

— Foi um sinal a gente ter

atolado aqui — diz Edgar Wilson.

— Vacas não se atiram de precipícios — diz Bronco Gil.

— Nem rios salgam de um dia pro outro — retruca Edgar Wilson. — Estamos só a um quilômetro do matadouro. Elas andaram até aqui.

— Ou foram trazidas — comenta Helmuth.

Edgar Wilson assusta-se com um trovão e escorrega. Bronco

Gil o segura pela camisa e Helmuth o ajuda a se prender. Edgar começa a deslizar e Bronco Gil apanha a corda que carrega presa à cintura e passa-a por baixo dos braços de Edgar Wilson. Helmuth ajuda Bronco Gil a puxar Edgar Wilson. Os dois não encontram sustentação para os pés e sapateiam no barro diversas vezes, até conseguirem trazer Edgar para cima. Recobram o fôlego e voltam para

debaixo da copa da árvore, onde esperam a chuva passar sem dar uma palavra uns com os outros.

Capítulo 10

No início da noite um carregamento de gado chega ao matadouro trazido por um caminhão-baú. Dessa vez não demora para que os miseráveis da região atravessem a porteira em seguida. Havia sido um dia muito difícil, e por sorte a linha de produção tinha funcionado normalmente. Poucas cabeças de

gado precisaram ser abatidas naquele dia, e o trabalho mais pesado ficou por conta dos setores de bucharia, triparia e desossa. Ao pisar no matadouro, Helmuth apressou-se para verificar o estado da motosserra e constatou que a haviam utilizado corretamente e que o corte das carcaças estava simétrico. Ficou aliviado.

O carregamento era aguardado para o fim da

madrugada, mas o motorista explicou que precisaram viajar para mais longe para buscar uma carga que seria levada a outro matadouro. O curral vazio, que outrora abrigava as vacas desaparecidas, está com a cerca quebrada em vários pontos. O jeito foi amontoar o lote de trinta e cinco cabeças de gado num galpão velho nos fundos do matadouro. Tonho faz reparos na cerca com a ajuda do velho

Emetério, mas só poderão concluir o serviço pela manhã, com a luz do dia.

Bronco Gil dá dois tiros de espingarda para o alto e assim coloca para correr mulheres e crianças famintas por vaca enjeitada. Tranca a porteira, apanha a placa com o nome do matadouro que está caída no chão e a pendura novamente. Verifica que está torta e a ajeita, até que se alinhe com a sua visão.

Retorna para o interior da fazenda arrastando sua espingarda quente devido aos disparos, e pesaroso com a ideia de espantar cães e pessoas da mesma forma. Assim como Edgar Wilson, Bronco Gil ainda cultiva algum sentimento, profundamente escondido, pelos seus semelhantes, mesmo que na maior parte do tempo sinta-se assemelhado às bestas.

— Hoje eu quero vocês dois

de vigília comigo. — Bronco Gil aponta para Edgar Wilson e Helmuth. — Ninguém vai pregar os olhos. Vamos pegar esses desgraçados.

— Por que alguém derrubaria as vacas no precipício? — questiona Edgar Wilson. — Se são ladrões eles deveriam vender elas pra algum matadouro.

— Talvez alguma coisa tenha dado errado, eu não sei — diz Bronco Gil. — Mas alguém

pastoreou elas até lá. Amanhã no fim da manhã o Seu Milo vai chegar e quero mostrar pra ele que a gente pegou esses ladrões.

***

Passa da meia-noite e os três homens estão de vigília nos currais de gado. Dentro do velho galpão de madeira alguns mugidos vez ou outra são ouvidos. As vacas que serão

abatidas pela manhã têm apenas água à disposição para se alimentarem, é a dieta hídrica destinada a todo gado.

Começa a garoar e a temperatura cai levemente, provocando uma sensação agradável na madrugada do vale. Feinho mantém-se de prontidão com os três homens e vez ou outra se retira dos currais e segue até o velho galpão de madeira.

O local onde as vacas caíram é

inacessível a qualquer tipo de veículo. Mesmo de barco é perigoso devido às rochas no fundo do rio, que arrebentariam o casco quando o barco se aproximasse. Aquele lado da margem do rio nada mais é do que a formação de um abismo, um imenso buraco na terra, criado somente para se entrar e não para sair.

Bronco Gil, inquieto de um lado para o outro, fuma seu

cachimbo, calado. Edgar Wilson está apoiado na cerca de um dos currais, bebendo uma caneca de café para espantar o sono. Helmuth caminha entre o gado e às vezes se afasta para espiar os possíveis acessos à fazenda.

Quando a garoa transforma-se numa chuva leve, porém constante, Edgar Wilson protege-se embaixo da goiabeira e Helmuth o acompanha. Bronco Gil permanece com seu cachimbo

acesso, mesmo na chuva, e a brasa não se apaga.

Edgar Wilson havia deixado embaixo da goiabeira a sacola com as carnes enlatadas. Senta-se no tronco e com um abridor de latas tira a tampa da carne de alce em conserva. Com dois dedos fisga um punhado e leva até a boca. O gosto é forte, mas ele se acostuma rápido. Estala a língua ao engolir. Helmuth experimenta, mas não gosta. Tira

o chapéu e o coloca sobre as pernas. Apoia a espingarda no tronco em que estão sentados e reclina as costas contra a árvore.

— Esse índio está mesmo obcecado com isso — comenta Helmuth. — Dizem que já matou uns cinquenta homens. Depois que mata, escalpela. Parece que ele guarda todos os escalpos depois de deixar eles curtindo no sol vários dias. Acho que tem mais lenda do que verdade na

história de Bronco Gil.

— Como ele perdeu o olho? — pergunta Edgar.

— Foi atropelado. Agora acho que ele tá mais devagar. Tá perdendo o vigor, ou coisa assim.

Feinho late seguidamente e o som vem da direção do velho galpão onde estão as vacas recém-chegadas. Edgar Wilson e Helmuth levantam-se e correm em direção ao velho galpão logo depois de Bronco Gil, que sai em

disparado em direção os latidos de Feinho. Em princípio não há nada de anormal, mas nos fundos do galpão a porta estreita e mal fechada dá passagem às vacas, que uma a uma, debaixo da chuva, caminham sem pressa em direção a um dos limites da fazenda. Edgar Wilson e Helmuth param logo atrás de Bronco Gil e permanecem observando.

— Tem alguém guiando elas?

— Helmuth pergunta baixinho.

Bronco Gil com o binóculo em riste diz que não vê ninguém. Helmuth apanha o binóculo.

— Mas pra onde elas estão indo? — questiona Helmuth ao constatar que não há ninguém guiando o gado.

— Elas estão indo pro precipício que fica daquele lado lá — diz Edgar Wilson.

— Como você sabe? — questiona Bronco Gil.

— Se eu estivesse no lugar delas é pra onde eu iria.

Os três homens decidem apenas observar o movimento tranquilo do gado e, quando todas saem do galpão, eles a seguem à distância. A primeira vaca pula e logo depois a segunda. Bronco Gil tenta evitar, mas é impedido por Edgar e Helmuth, que decidem apenas assistir ao espetáculo de horror. E assim, uma seguida da outra, até

que todas se lancem no abismo após emitir um longo mugido.

À beira do despenhadeiro eles espiam lá embaixo, mas não enxergam nada. Somente pela manhã, quando o sol se levantar, é que poderão contemplar o suicídio coletivo das vacas.

— Estavam fugindo do predador — fala Bronco Gil.

— Não havia nenhum predador — retruca Helmuth rispidamente.

— Você ainda não entendeu, Helmuth? Não entendeu quem é o predador? — diz Bronco Gil olhando Helmuth fixamente.

Ele olha novamente para baixo, para a escuridão do precipício, e suspira quando seu entendimento é iluminado pelo silêncio do outros.

— O que você acha disso, Edgar? — questiona Helmuth.

— Um abismo chama outro abismo.

Os olhos de Edgar Wilson refletem a insondável escuridão que sempre há nos olhos dos ruminantes.

Dentro do alojamento eles se reviram em suas camas, mas não conseguem dormir. Aguardam pelo amanhecer e pelo que terão de enfrentar. São os primeiros a se colocar de pé; e diante dos primeiros raios do dia seguem até o despenhadeiro. Todo o lote de

vacas está amontoado. Ouvem à distância o som da caminhonete de Seu Milo e decidem ir falar com ele; mesmo que hesitem todo o tempo em contar o ocorrido, em acreditar no que viram, eles batem na porta do escritório e entram em fila, segurando seus chapéus. Espremidos os três, na sala pequena, é difícil pensar e respirar ao mesmo tempo.

— E então, como foi tudo aí?

— pergunta Seu Milo levemente revigorado.

— Primeiro, senhor, queremos dar os pêsames pela morte da senhora sua sogra — diz Bronco Gil.

— Que Deus a tenha — diz Seu Milo sorridente. — Minha mulher está abatida, mas pra mim foi um alívio. A velha me custava caro. Eu tinha que arcar com todas as despesas. Acho que agora até vai dar pra trocar a

caminhonete velha.

Seu Milo percebe a própria animação e pigarreia ao tomar certa compostura, querendo demonstrar algum pesar.

— Aconteceu uma coisa que... — começa Bronco Gil.

Imediatamente o seu pesar é verdadeiro e seu coração palpita.

— Senhor, não sei como dizer isso...

— Fala logo! — grita Seu Milo.

Bronco Gil gagueja. Respira fundo.

— As vacas do último lote morreram — diz Edgar Wilson.

— As vacas do Tapira? Como assim morreram? Morreram onde, de quê? — pergunta Seu Milo, com os olhos arregalados de pavor.

— Elas se jogaram do despenhadeiro — completa Edgar Wilson.

— O quê? Do que você tá

falando, Edgar? — grita Seu Milo.

— É verdade, Seu Milo — fala Helmuth. — As vacas do lote do Tapira se jogaram de um despenhadeiro de madrugada.

— Vacas não se matam sozinhas. A gente é que mata elas — conclui Seu Milo aos berros.

Do topo do despenhadeiro, os quatro observam o cenário de morte.

— Foram se jogando uma de

cada vez — diz Helmuth.

— Vocês não fizeram nada? — questiona Seu Milo, alquebrado.

— Não havia o que fazer — diz Edgar Wilson.

— Vocês podiam ter impedido, seus idiotas — insiste o patrão.

— Seu Milo, tem mais uma coisa — diz Bronco Gil.

— Mais? Tem mais? — diz Seu Milo aos berros.

— Ontem durante o dia, a gente saiu pra procurar um lote de vinte e duas vacas da nossa criação e elas estavam caídas num abismo que fica a um quilômetro daqui. Perda total — conclui Bronco Gil.

Seu Milo afasta-se da beirada do despenhadeiro. Caminha vagaroso alguns passos e sente uma forte palpitação no peito. Esfrega os olhos e com a toalhinha encardida seca o

pescoço e o rosto. Passados alguns minutos de silêncio respeitado pelos seus três funcionários, ele pergunta, alquebrado:

— Será que tem a ver com aquelas vacas libaneses? — questiona Seu Milo.

— Duvido muito, senhor — responde Bronco Gil.

— O prejuízo foi grande. O que vou dizer pro Tapira? Nunca vi uma coisa dessa acontecer.

Nunca soube de algo parecido.

— Acho bom a gente reforçar as cercas e deixar dois homens de vigilância em cada curral — diz Helmuth.

Seu Milo concorda em silêncio e pergunta:

— Vocês têm alguma ideia do que aconteceu?

Os homens acenam negativamente com a cabeça. Seu Milo os dispensa e pede a Bronco Gil que comunique o ocorrido

aos outros peões e que ligue para Vladimir remover as vacas com a retroescavadeira, e que provavelmente levará dias seguidos de trabalho. Neste ponto é possível chegar a pé ou com um veículo. O lote deve ser removido antes que a carne morta atraia os abutres e o cheiro seja insuportável.

Edgar Wilson retorna quando escuta Seu Milo chamar por ele.

— O que você acha que

aconteceu, Edgar?

— Elas se mataram.

— São apenas animais, Edgar. Não têm vontade própria. Elas não pensam em suicídio.

— Acho que se afeiçoaram a gente.

Seu Milo olha ao longe, por cima do despenhadeiro. O horizonte está avermelhado e o sol surge parcialmente por trás das montanhas e desponta em raios dourados. Esvanece de todo

o peso do semblante de Seu Milo. Respira fundo e sente alguma paz, por um breve período de tempo. Uma paz curtinha, mas sensível ao seu espírito.

Capítulo 11

No início da tarde Vladimir está à beira do despenhadeiro, boquiaberto, olhando para baixo.

— Vixe! — Faz o sinal da cruz sobre o peito. — As vacas te deixaram sem trabalho, Edgar.

— Seu Milo vai reforçar as cercas e até lá não vai aceitar nenhum carregamento.

Vladimir traça uma rota

visualmente, o melhor caminho para entrar com a retroescavadeira e recolher as vacas. Percebem o movimento de algumas pessoas circundando o gado morto. Outro grupo aproxima-se numa carroça.

— Chegaram antes dos urubus — comenta Vladimir.

— Vai ser difícil impedir que eles carreguem as vacas — diz Edgar Wilson.

— Melhor a gente se apressar.

Edgar Wilson sobe na retroescavadeira com Vladimir e seguem até o ponto de recolhimento. Cerca de vinte pessoas, entre elas homens, mulheres e crianças, esquartejam as vacas com machados. A retroescavadeira é impedida de avançar quando alguns homens se colocam no meio do caminho.

— Aqui vocês não entram — diz um dos homens.

— Esse gado tem dono — diz

Vladimir. — Eu preciso recolher.

— As vacas se jogaram lá de cima. Nossas preces foram ouvidas — fala outro homem do grupo, segurando um machado.

— Essas vacas estão sob responsabilidade do Seu Milo — argumenta Vladimir.

— Daqui vocês não passam. Vamos levar todo o gado. — O homem suspende o machado.

Vlamidir desliga a retroescavadeira e desce

acompanhado de Edgar Wilson. Eles olham os cadáveres de perto. Uma caminhonete estaciona a poucos metros de distância e um grupo de homens e mulheres desce da caçamba correndo em direção ao gado.

— Não vamos conseguir remover nenhuma delas — diz Vladimir.

Seu Milo e Bronco Gil aproximam-se dos dois. Percebem o alvoroço no local.

— Liguei pra polícia — diz Seu Milo. — Eles vão fazer um boletim de ocorrência.

— É bom que cheguem logo, senão não vai ter nenhuma prova — comenta Bronco Gil.

Em pouco tempo há mais de cinquenta pessoas esquartejando o gado morto, juntando suas partes e empilhando sobre carroças, caminhonetes e bicicletas. Aqueles desprovidos de aparelhagem arrastam os

pedaços pelo chão em sacos de náilon ou lona.

Não há nada que possa ser feito a não ser sentar e observar. Os abutres aguardam as vísceras que ficarão perdidas no chão, as migalhas deixadas pelos cães.

É no fim da tarde, quando restam apenas os urubus ciscando por um pedaço de tripa ou lasca de pele, mergulhando em poças de sangue, que chegam dois policiais. Imediatamente

perguntam pelas vacas mortas.

— Sem os corpos não podemos fazer a ocorrência.

— Um bando levou tudo, saqueou os cadáveres — contesta Seu Milo.

Os urubus grasnam enquanto sobrevoam a região. O policial responsável por fazer a ocorrência olha para o alto e tudo o que consegue dizer é:

— Dia bonito demais pra tanto urubu no céu. Tinha

quantas vacas?

— Trinta e cinco — responde Bronco Gil.

— Que coincidência! — diz o policial sorrindo. — Amanhã faço trinta e cinco anos de casado. Vamos ter um churrasco. — Ao concluir, cospe o pigarro preso na garganta. — Anota isso aí — ordena ao jovem policial que o acompanha.

— Bem, seu guarda, como fica então? — questiona Seu Milo.

— Sem as vacas, ou melhor, sem os corpos eu não tenho como fazer a ocorrência.

— Eu entendo, senhor, mas esse carregamento não era meu. Preciso prestar contas com o dono — insiste Seu Milo, tentando argumentar da forma mais cordial que conhece.

— Eu vou dar como desaparecidas — diz o policial.

— Agorinha mesmo um bando de homens e mulheres

saiu daqui com os pedaços das vacas — fala Seu Milo. — É só vocês fazerem uma investigação, seu guarda. A casa dessa gente nunca teve tanta carne.

— Não temos homens suficientes pra fazer uma busca dessas. Alguém viu o que aconteceu? Como elas caíram?

— Elas se jogaram — diz Helmuth.

O policial se mantém calado por alguns instantes. Olha para o

alto do despenhadeiro. Agacha próximo aos abutres e com um graveto cutuca restos de vísceras e pisa em poças de sangue.

— Elas se jogaram por conta própria? — pergunta o policial.

— Foi isso mesmo. Elas simplesmente se jogaram — atesta Helmuth.

— Certa vez tive um gato que se jogou num rio. Nunca entendi aquilo. Ele pulou do meu colo e se jogou no rio. Tentei salvar ele,

mas um jacaré foi mais rápido que eu. Até hoje lamento a morte dele. Nunca mais quis saber de gatos.

Permanecem calados por algum tempo apenas ouvindo o grasnado dos urubus.

— Bem, é evidente que houve uma tragédia aqui. Digo isso pela quantidade de sangue. Podemos dizer que o gado escorregou do despenhadeiro? Acho bem possível.

Os homens se entreolham. Hesitam em concordar com o policial.

— Olha, dizer que as vacas pularam porque quiseram vai soar bem esquisito, não acham? É melhor colocar morte acidental seguida de roubo dos cadáveres. Uso todo esse sangue como vestígio do acidente e do crime de saque, o que acham? É o melhor que posso fazer.

Seu Milo, cabisbaixo e muito

abatido, concorda com o arranjo. A história é absurda e não deseja se tornar alvo de piadas. De qualquer forma, seu matadouro será prejudicado, ao menos por alguns meses, até que recupere a confiança dos seus clientes. Quanto ao gado morto, recolocará do seu próprio lote e espera que Tapira aceite o trato, já que assim não terá prejuízos.

O policial se despede e vai embora acompanhado do mais

jovem.

— Acho que ele não acreditou na gente — diz Bronco Gil.

— Aquela história do gato não me convenceu — fala Helmuth.

— Nem a mim — concorda Edgar Wilson.

— É isso o que vamos dizer por aí, que as vacas caíram acidentalmente — diz Seu Milo.

— E o outro lote que caiu na margem do Rio das Moscas? — pergunta Edgar Wilson.

— A gente diz a mesma coisa — fala Seu Milo.

— Será que vão acreditar? — questiona Bronco Gil.

— Não sei, Bronco. Mas o que a gente pode dizer? Que o gado tá amaldiçoado? — diz o patrão. — Vamos deixar assim e abafar o assunto.

— A fazenda do Régis Leitão está fechada — comentou Edgar Wilson. — Tudo foi abandonado.

— Ouvi dizer que foram saqueados diversas vezes — diz Seu Milo.

— Talvez foram saqueados da mesma forma que as vacas que caíram acidentalmente desse despenhadeiro — completa Edgar Wilson.

Seu Milo olha para ele com a estranha impressão que o persegue, a de que Edgar Wilson sabe mais do que diz. Que pressente o centro magnético

terrestre como fazem os ruminantes.

— Será que as coisas vão voltar ao normal? — murmura Bronco Gil.

— Espero que sim — diz Seu Milo, temeroso.

Eles retornam para o matadouro e evitam falar no assunto com os outros peões. Tudo o que dizem é que foi um acidente.

Na manhã seguinte, antes de

abater algumas cabeças de gado, Edgar Wilson percebe que as vacas nos pastos estão todas viradas para o norte, ruminando o capim, espantando as moscas com o rabo, e que mantêm entre si o ritmo cotidiano próprio delas.

O sangue volta a ser derramado diariamente. Em poucos meses, a produção aumentará de ritmo devido a uma nova fábrica de hambúrguer

e outros derivados de carne bovina que está em construção numa área próxima ao matadouro. Dessa forma, Seu Milo finalmente poderá comprar uma nova caminhonete e até mesmo reformar o alojamento, que teve o teto parcialmente danificado durante um temporal e por isso os homens dormem ao relento.

Edgar Wilson mantém seu ritual de cruz e cal até que um

novo atordoador é contratado. Ele está prestes a partir desde que uma vaga no criadouro de porcos lhe foi oferecida. Seus dias de ruminante terminaram.

O suicídio coletivo das vacas jamais poderá ser explicado. Talvez tenha sido a Providência Divina atendendo aos pedidos dos moradores da região que ansiavam por comida, especialmente carne. Assim como os peregrinos do deserto foram

atendidos com uma chuva de codornas, os povos de outros desertos receberam uma chuva de vacas: a carne proveniente dos céus; a morte que dá vida.

Logo após ajuntar seus pertences, Edgar passa no escritório de Seu Milo e recebe todo o acerto de suas últimas semanas de trabalho. Aperta a mão do patrão e agradece pelo emprego e pela confiança depositada nele todo esse tempo.

Seu Milo sente o peito apertar. Edgar é seu melhor funcionário. Sentirá falta dele.

Edgar Wilson coloca seu chapéu e sobe no caminhão que trouxe a leva de homens para o trabalho no matadouro.

— Vai pra onde, rapaz? — pergunta o motorista seguindo em direção à porteira da fazenda.

— Vou pro oeste trabalhar com porcos.

O motorista acena

positivamente com a cabeça. O dia recém-amanhecido possui uma brisa ainda fresca e um cheiro de plantas molhadas.

— Cansou desse trabalho aí?

— É, cansei.

— Antes de comprar este caminhão e trabalhar com frete eu também abatia gado. Trabalho miserável. Te pagam uma miséria por isso.

Edgar Wilson pergunta se pode fumar e acende um cigarro.

Oferece um ao motorista, que aceita e o coloca atrás da orelha.

— Eu passava o dia inteiro coberto de sangue. Fedia o tempo todo. Minha mulher sentia a minha carniça assim que eu pisava no portão de casa. — O motorista dá uma risada. Pensa um pouco antes de continuar e suspira: — Era mesmo uma nojeira.

À frente deles uma procissão faz o caminhão diminuir a

velocidade. Passam devagar no meio de homens, mulheres e crianças. Edgar Wilson reconhece alguns rostos, alguns dos que carregaram o gado morto do despenhadeiro.

— Não sei o que tanto agradecem. Eles não têm nada. Isso aqui é um deserto, meu filho.

— Talvez eles tenham alguma coisa pra agradecer desta vez — diz Edgar Wilson.

Atravessam o meio da procissão e o motorista acelera o caminhão até quanto o veículo suporta. Passam ao lado da construção da nova fábrica de hambúrguer e outros derivados de carne bovina.

— Vamos ter outra fábrica — comenta o motorista com a voz estagnada e um semblante levemente aborrecido. — Essa vai ser das grandes.

— Trabalho não vai faltar por

aqui — diz Edgar Wilson.

— Não, filho, não vai faltar. Como dizem por essas bandas: enquanto tiver uma vaca nesse mundo, lá estará um sujeito disposto a matá-la.

— E outro disposto a comê-la — conclui Edgar Wilson.

O motorista dá um sorriso curto e puxa o cigarro detrás da orelha. Edgar Wilson risca um fósforo e o acende. O homem agradece.

— Disposto a comê-la sempre terá um monte. Mas pra matar, não. Só gente assim feito eu e você, rapaz. Só gente assim.

O brilho do sol ofusca vez ou outra a visão do motorista, que mantém os olhos espremidos. Um dia quente, terrivelmente quente. Quando a noite chegar, Edgar Wilson já estará em seu novo emprego, conhecendo os porcos e ouvindo seus grunhidos. Sabe que seus dias de predador

continuarão, e que derramar sangue ainda será seu meio de sobrevivência. É o que sabe fazer. Talvez um dia encontre outro trabalho, um que seja limpo. Por enquanto, seguirá abatendo porcos; impuro e moralmente aceitável, é assim que ele se sente. Não há ninguém que o impeça, pois homens como ele são poucos, que são homens para matar. Os que comem são muitos e comem de modo que nunca se

fartam. São todos homens de sangue, os que matam e os que comem. Ninguém está impune.

Nota Final

“Se a civilização não tornou o
homem mais sanguinário,
decerto o fez mais
perversamente, mais
covardemente sanguinário que
antes... hoje, embora
considerando o derramamento
de sangue uma coisa abominável,
entregamo-nos a essa
abominação ainda mais

frequentemente que antes.”

Fiodor Dostoievski, em *Notas do subterrâneo*

De gados e homens

Wikipédia da autora

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_

Site da autora

http://killing-

travis.blogspot.com.br/

Facebook da autora

https://www.facebook.com/maiat

Entrevista com a autora

http://www.youtube.com/watch?v=8U4SJkXPHvw

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/34

de_gados_e_homens

Sumário

Capa
Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6

Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Nota final
Colofon
Saiba mais